

VILA RICA CINEMATOGRAFICA LTDA.

APRESENTA

UM FILME DE GERALDO E RENATO SANTOS PEREIRA



O ALEIJADINHO

PAIXÃO, GLÓRIA E SUPLÍCIO

ROTEIRO TÉCNICO

O ALEIJADINHO
PAIXÃO, GLÓRIA E SUPLÍCIO

ROTEIRO DE GERALDO E RENATO SANTOS PEREIRA

**ROTEIRO TÉCNICO E DIÁLOGOS DE GERALDO SANTOS
PEREIRA, COM A COLABORAÇÃO DE RUI MOURÃO**

BELO HORIZONTE
1999

O ALEIJADINHO

ROTEIRO TÉCNICO

TERMINOLOGIA TÉCNICA

P.P.P.	Primeiríssimo Plano
P.P.	Primeiro Plano
P.A.	Plano Americano
P.M.	Plano Médio
P.G.	Plano Geral
G.P.G.	Grande Plano Geral
"TRAVELLING"	Câmera instalada em carrinho
TRAV.-AVANTE	Carrinho para a frente
TRAV.-ATRÁS	Carrinho para trás
TRAV.-LATERAL	Carrinho para o lado
TRAV.-CIRCULAR	Carrinho em curva
CARRINHO	Veículo com câmera sobre rodas
PAN-E-D	Panorâmica Esquerda-Direita
PAN-D-E	Panorâmica Direita-Esquerda
PAN-A-B	Panorâmica do alto para baixo
PAN-B-A	Panorâmica de baixo para alto
"PLONGÉE"	Câmera do alto para baixo
"CONTRE-PLONGÉE"	Câmera de baixo para alto
"RACCORD"	Movimento que se completa
"FLASH"	Plano de curta duração
BG	"Background": segundo plano sonoro
FADE	Escurecimento
FADE-IN - FADE-OUT	Imagem escurece e clareia
FUSÃO	Imagens que se misturam
"STEADYCAM"	Equipamento para movimentação livre da câmera

O ALEIJADINHO

ROTEIRO TÉCNICO

SEQÜÊNCIA ESPECIAL PARA TEXTO INTRODUTÓRIO

Grande Plano Geral e lenta panorâmica mostrando o imponente maciço do Itacolomi e a sucessão de montanhas que circundam a cidade de Ouro Preto.

SOM - Música orquestral, eloqüente, sobe e depois vai para bg.

Sobre as imagens da serra, surge, sobreimpresso, o TEXTO INTRODUTÓRIO:

Na evolução histórica do Brasil, o século 17 ficou marcado pela epopéia dos bandeirantes paulistas que transpuseram as serras do Mar e da Mantiqueira, penetraram em Minas Gerais e descobriram, em profusão, ouro e pedrarias na região balizada pelo Pico do Itacolomi, daí surgindo Vila Rica de Albuquerque;

No século 18, com a intensa mineração e a chegada de artistas, artesãos e arquitetos portugueses, além de milhares de escravos, trazidos à força do continente africano, floresceu naquela região o esplendor artístico, cultural, arquitetônico e religioso, cuja maior figura é Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho, enquanto, no plano político, o acontecimento capital foi a luta pela emancipação e a liberdade conduzida pelos Inconfidentes, reprimida, de forma violenta, pelo colonizador lusitano;

No século 19, no ano de 1858, na cidade já denominada de Ouro Preto, um historiador, Rodrigo José Ferreira Bretas, deixou o sítio onde residia, atravessou a cidade e chegou à casa humilde da parteira Joana Lopes, nora do Aleijadinho, dela ouvindo o relato da vida apaixonada, gloriosa e pungente deste artista imortal que o filme vai narrar.

SEQÜÊNCIA ESPECIAL PARA CRÉDITOS INICIAIS

EXTERIORES DIVERSOS – OURO PRETO – MANHÃ

EXTERIOR – SÍTIO DO PROFESSOR BRETAS – MANHÃ

1. DETALHES de pernas e pés de um homem idoso, calçando botinas de época.

Câmera, em Panorâmica de baixo para o alto, revela o rosto sisudo, mas simpático, do professor Rodrigo José Ferreira Bretas, de óculos, cabelos brancos, chapéu e roupa de época. Caminha sem pressa, com uma bengala de junco, deixando bem cedo, o pequeno sítio onde reside, nas imediações de Ouro Preto do ano de 1858.

É um velho sítio, de arquitetura colonial, cercado por frondosas árvores e jardins.

O professor avança por um caminho de terra e, mais adiante, aproxima-se de um riacho.

SOM - Canto de galos e, distante, bater de sinos.

OBSERVAÇÃO: Durante o restante desta Sequência de Abertura só serão ouvidos, na trilha sonora, ruídos ambientais (sinos, cavaleiros, cães, carroças e veículos de transporte, gritos de crianças e outros ruídos típicos de cidade do interior no século XIX).

EXTERIOR – RIACHO TRIPUÍ – OURO PRETO - MANHÃ

2. Câmera agora enquadra o professor Bretas muito próximo do riacho, que ele observa, pensativo.
3. Depois de fixá-lo em primeiro-plano, observando o riacho, seu rosto mistura-se com imagens obtidas com efeitos especiais, através da reprodução de gravuras de época e filmagem ao vivo dos primeiros bandeirantes que, com suas velhas bateias, colhem no Tripuí, à sombra do Itacolomi, nos últimos anos do século XVII, o precioso metal que, por sua coloração mais escura, acabou sendo chamado de *ouró preto*.
Estas imagens, de evidente sentido simbólico, significam as primeiras reminiscências históricas e cronológicas da descoberta do ouro e a fundação da antiga Vila Rica, atual cidade de Ouro Preto, visualizadas na imaginação do professor Rodrigo Bretas.

OBSERVAÇÃO: *Os créditos do filme irão gradativamente surgindo na tela, durante a caminhada do professor Bretas e as reminiscências despertadas pelos diferentes pontos da cidade por onde vai passando.*

EXTERIOR - CAPELA DO PADRE FARIA - DIA

4. Rodrigo Bretas aproxima-se agora da Capela do Padre Faria, que o Padre João de Faria Fialho, antigo capelão de bandeiras paulista, construiu com o produto da lavra de ouro, dando lugar ao arraial que hoje, em Ouro Preto, leva seu nome. A capela, uma das primeiras erguidas na região, ficou famosa pelo cruzeiro que, segundo alguns historiadores, se relaciona com a maçonaria.

EXTERIOR E INTERIOR – MINA DE OURO – DIA

5. Continuando a caminhada, Bretas agora se aproxima da boca de uma velha mina de ouro, no caminho que leva a Mariana. Ele diminui os passos e observa a mina abandonada, surgindo novas imagens com efeitos especiais, extraídas de gravuras de época e imagens ao vivo, assim relacionadas:

- a) - As primeiras imagens, com efeitos especiais e manipulação técnica de computador, serão retiradas de desenhos e gravuras (inclusive de Rugendas) mostrando escravos africanos trazidos ao Brasil em navios negreiros, amontoados em infectos porões;
- b) Fundindo-se com as imagens de gravuras, surgirão planos ao vivo, também distorcidos por efeitos especiais, fixando negros escravos entregues ao brutal trabalho no interior das minas (Mina da Encarnideira e Mina da Passagem, em Mariana), extraíndo o ouro primário de veio, normalmente de quartz, arrancado dos blocos de pedra, moído no “moinho californiano”, tocado a água;
- c) Guardas armados e fiscais da Coroa observam os escravos, o corpo banhado em suor, entregues ao duro trabalho de extração e separação do quinto (20% do ouro retirado);

Serão imagens de forte dramaticidade e efeito visual, simbolizando a exploração humana, a ganância e brutalidade dos colonizadores portugueses.

SOM - Ruídos fortes, também distorcidos, de picaretas golpeando as paredes das galerias das minas.

EXTERIOR – RUA ANTIGA DE OURO PRETO - DIA

6. O professor Bretas caminha agora por uma rua nas imediações de Ouro Preto. Alguns transeuntes, com roupa de época, passam e o cumprimentam, tirando o chapéu. Mais adiante vem vindo, armado, um "capitão do mato", a cavalo, conduzindo um escravo fujão, as mãos amarradas, seguindo à frente. Bretas, com expressão grave, observa a cena cruel e apressa o passo, dobrando uma esquina, mais adiante.

EXTERIOR – MORRO DA QUEIMADA - MANHÃ

7. Rodrigo Bretas agora se aproxima das ruínas do Morro da Queimada, nas imediações de Ouro Preto. É uma paisagem desoladora, com os restos calcinados das casas dos antigos mineradores, destruídas pelo incêndio ateadado pelas autoridades portuguesas. Bretas diminui o passo e observa os restos da trágica revolta comandada por Pascoal da Silva e Felipe dos Santos. Novos efeitos especiais se processarão sobre as imagens do Morro da Queimada, fixando gravuras e cenas ao vivo, inclusive o suplício de Felipe dos Santos, enforcado e preso na cauda de um cavalo que sai em disparada pelas ruas de Vila Rica, além do incêndio de uma das casas, que poderá se multiplicar através de trucagens em computador. Esta subsequência terminará quando o professor Bretas acelerar o passo, afastando-se do Morro da Queimada.

EXTERIOR – CHAFARIZ DE MARÍLIA – MANHÃ

8. Bretas aproxima-se agora do chafariz de Marília, próximo da casa onde residiu Marília de Dirceu, o grande amor de Tomaz Antônio Gonzaga. As reminiscências do professor agora convergem para o grande e dramático episódio da Inconfidência Mineira. E, novamente, gravuras de época mostrarão, com efeitos especiais, alguns dos principais personagens da Conjuração ocorrida em Vila Rica em fins do século XVIII, com ênfase

para Tomaz Antônio Gonzaga e Maria Dorotéia, a celebrada Marília de Dirceu.

Artistas, com trajes de época, representando Gonzaga e Marília, também surgirão na subsequência, aproximando-se do chafariz, bebendo água e, depois, sentando-se sobre um banco de pedra.

Bretas, em seguida, afasta-se do famoso chafariz e começa a subir e íngreme ladeira do Vira-Saia, caminho tradicional para a Igreja de Santa Efigênia.

Esta lenta caminhada será documentada em planos e ângulos de diferentes enquadramentos, próximos ou afastados, enfatizando a beleza da rua e a visão da cidade vista do alto.

ALTO DA CRUZ – IGREJA DE SANTA EFIGÊNIA – MANHÃ

9. A nova etapa da caminhada do professor Bretas leva-nos ao Alto da Cruz e da Igreja de Santa Efigênia, cuja portada foi esculpida pelo Aleijadinho.

As imagens memorizadas pelo professor se misturam com gravuras mostrando Chico-Rei com sua corte de negros alforriados subindo, dançando e cantando, a escadaria da bela igreja.

SOM – Ruídos de instrumentos de escultura, misturando-se com soar de sinos e cantos do Reisado em língua africana.

EXTERIORES - RUAS E VIELAS AFASTADAS – MANHÃ

10. A nova subsequência fixará o professor Rodrigo Bretas afastando-se do Alto da Cruz e da Igreja de Santa Efigênia. Ele caminha por becos e vielas nas cercanias de Ouro Preto, aproximando-se da casa onde reside a nora do Aleijadinho, a parteira Joana Lopes.

EXTERIOR – CASA DE JOANA LOPES – OURO PRETO - DIA

Câmera detalha a chegada de Bretas à casa da nora do Aleijadinho, em cerrando a caminhada.

É uma casa maltratada pelo tempo, com várias janelas, situada numa esquina, de onde se avista, distante, o casario de Ouro Preto.

O último crédito do filme (PRODUÇÃO E DIREÇÃO DE GERALDO SANTOS PEREIRA), será sobreimpresso na imagem de Bretas aproximando-se da casa de Joana Lopes.

Neste ponto encerra-se a **Seqüência Especial de Abertura** e tem início a

SEQÜÊNCIA 1

EXTERIOR – CASA DE JOANA LOPES – OURO PRETO – DIA

11. P.P. de Rodrigo Bretas chegando e batendo à porta da casa da parteira Joana Lopes.

Bate uma, duas vezes, e espera. Câmera se aproxima, em travelling.

Logo depois abre-se uma janela, deixando ver a figura de uma velha, negra, cabelos brancos, o olhar melancólico e indagativo.

Aparenta ter seus oitenta anos, bem vividos. Pele curtida de sol, cortada de fortes rugas.

É a parteira Joana Lopes, nora do Aleijadinho. Bretas tira o chapéu e diz:

BRETAS: Bom dia, dona Joana. Como tem passdo?

JOANA LOPES: Como Deus é servido. Não quer entrar?

BRETAS: A senhora está me reconhecendo?

JOANA LOPES: Não é o siô Rodrigo Bretas, do colégio dos meninos?

BRETAS: Exatamente, dona Joana...

JOANA LOPES: O siô é muito conhecido na cidade. Mas espere, vou abrir a porta.

Joana Lopes deixa a janela e vai abrir a porta de entrada. Recebe-o amavelmente.

JOANA LOPES: Não repare. É casa de pobre.

Bretas, chapéu na mão, entra na casinha, cuja porta é fechada, rangendo nos gonzos velíssimos.

INTERIOR – CASA DE JOANA LOPES – OURO PRETO – DIA

12. Câmera documenta a sala singela da casa da parteira. Poucos móveis, de época, rústicos. Mesa de jantar bastante antiga, da época colonial, ladeada de bancos de madeira. Oratório bem típico das moradias de Minas, com a imagem de São Benedito. Durante o diálogo dos dois, câmera se movimenta pelo cômodo, destacando um e outro.

BRETAS: Vim para um dedo de prosa com a senhora, se não for incômodo.

JOANA LOPES: Incômodo nenhum.

BRETAS: Dona Joana, vim pedir-lhe um favor. Estou interessado em saber sobre o seu sogro, Antônio Francisco Lisboa. Ele se foi e o tempo, como sabe, apaga tudo. O que a senhora guardou da lembrança dele precisa ser preservado, posto em escrito. Vamos trabalhar para isso?

JOANA LOPES: Se a minha fala for de alguma serventia...

BRETAS: Nem sei por onde começar. Quero que fale sobre a doença... Mas, antes, me conte o que sabe sobre o nascimento dele, do pai, da mãe...

13. Afastando-se de Bretas, câmera, em lento Trav.-Avante, vai enquadrar Joana Lopes em P.P.

Olhos fixos no professor, deixa claro ao espectador que é uma mulher humilde, mas alfabetizada, inteligente e lúcida, com aquela sabedoria da gente do interior brasileiro.

OBSERVAÇÃO

O relato que Joana Lopes irá fazer significará a versão popular da vida intensa e dramática de Antônio Francisco Lisboa, que, a partir deste

ponto, será dividida em 5 partes: INFÂNCIA, JUVENTUDE, MATURIDADE, DOENÇA e MORTE.

Esporadicamente, na filmagem dessas cinco partes, em flash-back, ouvir-se-á a voz off tanto de Joana Lopes, como do professor Bretas, este interrogando e, de certa forma, dando a versão erudita da vida do Aleijadinho.

Serão vozes com narrativas evidentemente curtas, pois o que prevalece, em um filme, é a imagem com seu poderoso valor expressivo.

Também, intermitentemente, a ação do filme voltará aos interlocutores, Joana Lopes e Rodrigo Bretas, em curtas inserções para significar a passagem da Infância, para a Juventude; desta para a Maturidade, e assim por diante.

Fixada em P.P., Joana Lopes vai iniciar o relato solicitado por Bretas, enquanto na trilha sonora ouve-se, antecipadamente, o choro característico de criança que nasce.

SOM - Choro de recém-nascido.

JOANA LOPES: Antônio veio ao mundo no dia 29 de agosto de 1738, no Bom Sucesso, antigo bairro da freguesia de Nossa Senhora da Conceição de Antônio Dias.

SEQÜÊNCIA 2

INTERIOR – QUARTO DE PARTURIENTE – OURO PRETO

14. Focaliza-se agora um dos quartos da residência de Manoel Francisco Lisboa, na antiga Vila Rica do ano de 1738.

15. Câmera fixa, em P.P., o rosto de Isabel, uma negra bonita e jovem, mãe de Antônio Francisco Lisboa, no instante em que emite um grito de dor, durante os procedimentos do parto.

SOM: Grito forte de parturiente.

Câmera recua e mostra, ao lado de Isabel, deitada, uma parteira gorda, parda, enxugando o suor que escorre pelo rosto da parturiente, cujas pernas estão abertas.

A parteira, de nome Raimunda, em determinado instante, muda de posição e vai se colocar diante de Isabel, cujo filho está nascendo.

SOM: Novos gritos de Isabel.

A parteira, feliz, abre um aliviado sorriso e ajuda o filho de Isabel a nascer, dizendo, com veemência:

PARTEIRA: Força, Isabel! Mais força!

16. Câmera avança (carrinho ou steadycam) para enquadrar Isabel em P.P., o ar feliz, apesar do sofrimento do parto. Tem o rosto encharcado de suor.

Em off ouvem-se as clássicas palmadas no bumbum do robusto bebê. Também em off ouve-se a parteira dizer, eufórica:

PARTEIRA: Macho, Isabel! Parrudo, bonito, parecido com cê.

17. P.M. do quarto. A parteira limpa o bebê e o coloca sobre o peito de Isabel, que o fita com grande alegria.

Depois a parteira abre uma porta e diz, alto:

PARTEIRA: Seu Manoel, seu Manoel!

Rápida mudança de ângulo permitirá se veja um homem branco de cinquenta anos de idade, alto, o rosto queimado de sol, bigodão de português. É o pai de Antônio Francisco, o já famoso arquiteto Manoel Francisco Lisboa.

Ele se encaminha, sorridente, até o leito da ex-escrava Isabel (câmera o acompanha em travelling).

Isabel exhibe-lhe o filho acabado de nascer, feliz. Manoel Francisco Lisboa faz um agrado no bebê e segura a mão da amante.

Sobre esta imagem ouve-se a voz off de Joana Lopes, dizendo ao professor Rodrigo Bretas:

JOANA LOPES (voz off): Como o senhor sabe, Isabel era escrava de Manoel Francisco Lisboa, homem importante, muito bondoso. Ele alforriou os dois, mãe e filho, assim que o menino nasceu.

18. Ainda no quarto de Isabel, câmera, em nova angulação, focaliza Isabel, o filho e o arquiteto Manoel Francisco Lisboa. Este, muito feliz, abaixa-se, dá um beijo na mulher e no filho, dizendo, com o sotaque característico de lusitano:

MANOEL FRANCISCO: Ora, pois! Nasceu o aldravão! Bonito como a mãe! Quando crescer, vai ser artista como o pai!

Manoel apanha o filho, levanta-o no ar e exclama, vaidosamente:

MANOEL FRANCISCO: Seu maroto, vais trabalhar muito e, claro, vais ser um pândego. Vais deixar doidas as negrinhas!

SOM – Entra, antecipada, música incidental, alegre, com acordes para bricadeira de criança.

SEQÜÊNCIA 3

EXTERIOR – JAZIDA DE PEDRA-SABÃO – OURO PRETO – DIA

19. Câmera focaliza o menino Antônio Francisco, agora com 12 anos de idade, chegando, correndo, a uma grande jazida de esteatite, vulgarmente chamada de **pedra-sabão**, abundante na região.

Câmera, instalada em grua, sobe e focaliza o menino que se aproxima do pai, Manoel Francisco, que superintende o trabalho de extração, seleção e transporte do granito, colocado com cuidados em blocos, nos carros-de-boi, ou sobre plataformas de madeira amarradas em burros de carga.

Antônio Francisco corre à frente de três negrinhos, Maurício, Agostinho e Januário, inseparáveis amigos de nosso futuro escultor.

Parando ao lado do pai, que fiscaliza o trabalho de diversos escravos, vigiados por guardas das tropas, o menino Antônio Francisco observa a extração e transporte dos blocos de esteatite.

Vendo o filho parado, atento ao trabalho dos escravos, Manoel Francisco se aproxima, fingindo-se zangado, e exclama:

MANOEL FRANCISCO: Querendo ficar aí parado, maroto? Anda, vem ajudar também!

Antônio Francisco vai depressa ajudar os escravos e, com os amiguinhos, apanha e carrega também os blocos de pedra-sabão.

SOM: Música cessa e deixa ouvir, fortes, ruídos de extração do granito.

SEQÜÊNCIA 4

EXTERIORES E INTERIORES – OBRAS – OURO PRETO – DIA

20. Uma série de planos-flashes, interligados por rápidas fusões, fixam o mestre Manoel Francisco e seu filho Antônio Francisco, com 12 anos de idade, forte, espadaúdo, a cabeleira farta, o pescoço curto e grosso, labutando nas obras empreitadas pelo arquiteto, arrematante e mestre de obras reais Manoel Francisco Lisboa, como o Palácio do Governo da antiga província das Minas Gerais, chafarizes, pontes e outras obras civis e religiosas de Vila Rica e outras cidades da província.

Esses planos de ambientação mostrarão, preferencialmente, o quase adolescente Antônio Francisco subindo e descendo andaimes das construções, ajudando a rebocar paredes externas e internas, ensaibrando, usando o buril ou cortando madeira com o formão e o serrote.

SOM – Como na série anterior, música e ruídos ambientais de obras e construções.

FADE LENTO

SEQÜÊNCIA 5

EXTERIOR - CHAFARIZ DE SANTA EFIGÊNIA - DIA

21. Antônio Francisco, adolescente, com apenas 19 anos de idade, é agora focalizado trabalhando no famoso Chafariz do Alto da Cruz do Padre Faria, obra empreitada pelo pai, e na qual AF esculpiu "o inusitado busto de mulher, coroando o chafariz", como escreveu Lúcio Costa.

O chafariz foi, inegavelmente, a primeira manifestação do espírito autônomo e revolucionário do Aleijadinho, modelando o audacioso busto de mulher que provocou intensa polêmica em Vila Rica e projetou o extraordinário talento artístico do artista.

EM CORTE DIRETO VAMOS PARA NOVO AMBIENTE CENOGRÁFICO:

INTERIOR - SACRISTIA DE IGREJA DE VILA RICA - NOITE

22. DETALHE de um grosso livro de gravuras bizantinas.

Câmera recua para enquadrar um padre franciscano conversando com Antônio Francisco Lisboa, homem feito, com 22 anos de idade. O sacerdote folheia o volume, e, apanhando outro livro, exhibe uma de suas gravuras (reprodução de uma obra de Michelângelo, que AF comenta para si próprio:

ANTÔNIO FRANCISCO: Maravilha...

PADRE FRANCISCANO: Maravilha, não, Antônio. O que o homem produziu na Europa, para a Igreja, vai ficar por todo o tempo. A arte, a criação, são eternas.

SOM - Música religiosa.

Depois o franciscano apanha outro livro, um álbum, e exhibe uma de suas gravuras, dizendo:

PADRE FRANCISCANO: Este foi o maior de todos. Um gênio...

Mas a voz do sacerdote passa a não ser mais ouvida, pois sobe, na trilha sonora, música de Emérico Lobo de Mesquita.

SOM - Música de Lobo de Mesquita sobe, forte.

Antônio Francisco usa uma calça ordinária e camisa branca, de época, além de rudes calçados.

F U S Ã O

SEQÜÊNCIA 6

INTERIOR – GALERIA DE MINA DE OURO – MARIANA - DIA

23. Grande Plano Geral, evidentemente sem detalhes modernos, de galerias da Mina da Passagem, entre Ouro Preto e Mariana.

Numerosos escravos, encharcados de suor, vigiados por homens armados, trabalham na extração do metal, perseguindo filões e veios subterrâneos.

SOM - Fortes ruídos ambientais.

EXTERIOR – BOCA DE MINA DE OURO – DIA

24. P.P. de Antônio Francisco desenhando na saída de uma mina em plena atividade de extração.

25. Close do desenho feito com carvão numa folha de papel ordinário. Trata-se de uma série de esboços de escravos carregando blocos de minério até uma caçamba tracionada por burro.

Nosso personagem tem a fisionomia séria e melancólica, como se se desse conta da brutal exploração do trabalho escravo pelos colonizadores portugueses.

SOM – Ruídos ambientais, em bg, misturando-se com música de cravo.

SEQÜÊNCIA 7

INTERIOR – CASA DE ISABEL E ANTÔNIO FRANCISCO – NOITE

26. O arquiteto e empreiteiro Manoel Francisco Lisboa será visto, de início, enquadrado em P.P., lendo um livro, iluminado por uma lamparina, na modesta sala da casa de Isabel.

A escrava alforriada, mãe de Antônio Francisco, chega do interior da casa trazendo frutas e sucos, que deposita sobre uma mesinha ao lado da cadeira na qual está sentado o português, entretido com a leitura.

27. Em novo enquadramento, câmera focaliza Antônio Francisco que chega à sala e se aproxima do pai, trazendo um rolo de papel com diversos esboços de desenho.

Aproxima-se, com certa timidez, e lhe diz:

ANTÔNIO FRANCISCO: Quer ver, pai, o que eu fiz?

MANOEL FRANCISCO: O que é?

Antônio Francisco chega mais perto do pai e lhe estende o rolo de papel, dizendo:

ANTÔNIO FRANCISCO: Uns desenhos...

MANOEL FRANCISCO: Vamos examinar.

O português apanha o rolo, que abre, e examina detidamente os desenhos do filho. Depois lhe fala:

MANOEL FRANCISCO: Bons, muito bons. Tens bastante jeito. É trabalhar para melhorar.

Examina de novo os desenhos e, voltando-se para o filho, Manoel Francisco continua:

MANOEL FRANCISCO: Chegou de Lisboa alguém que poderá te ajudar, João Gomes Batista. Amanhã leve-te à casa dele. Quero que veja isto. Ele é um mestre.

Coloca os desenhos sobre a mesa e, mudando de assunto, pergunta, meio maliciosamente:

MANOEL FRANCISCO: Então, me digas: e as negrinhas? Elas te têm tratado bem?

Dá uma leve palmada no rosto do filho e indaga:

MANOEL FRANCISCO: Já abusaste de alguma, seu maroto?...

Antônio Francisco, meio sem jeito, encara-o sério, com pensamentos menos vulgares. Mas responde afetuosamente ao pai:

ANTÔNIO FRANCISCO: Nem penso nisso, pai. Chega o que essa gente sofre.

Manoel Francisco não esconde a surpresa com a inesperada confissão do filho que, baixando o tom da voz, para que Isabel, em outro cômodo, não os ouça, continua:

ANTÔNIO FRANCISCO: Olha o caso de minha mãe. É alforriada. O senhor foi generoso, é generoso, mas não vê o quanto ela sofre com a situação da gente dela, da minha gente?... Não observa como ela fica desajeitada no meio dos brancos? Ela até se esconde quando branco aparece por aqui.

Manoel Francisco se levanta, dá dois passos, afastando-se de Antônio Francisco, que o segue com o olhar. Depois retorna e exclama, de forma quase irritada:

MANOEL FRANCISCO: Falas em “minha gente”... És meu filho, Antônio! Minha raça é branca! Corre em tuas veias sangue de portugueses!

ANTÔNIO FRANCISCO: Não sou branco, pai. Sou seu filho com muito orgulho, mas tenho também sangue africano. E disso não me envergonho.

Manoel Francisco não gosta do que está ouvindo. Aproxima-se e encara o filho com o rosto afogueado. Depois exclama, exaltadamente:

MANOEL FRANCISCO: Não gosto do que dizes! Tens meu sangue, rapaz! É coisa que não podes esquecer! Portugal descobriu esta terra, lutou por ela, defendeu-a dos invasores. Isso deve ser sempre lembrado!

Antônio Francisco também se levanta e, com brio na voz, replica:

ANTÔNIO FRANCISCO: Nesta terra existem mais escravos do que brancos, pai! Muito mais! Um milhão e duzentos mil deles foram arrancados da África! Estão aí, marcados com ferro, trabalhando de sol a sol, ajudando a construir a Colônia!

Antônio Francisco interrompe o libelo, o rosto encharcado de suor, diante do pai que o fita meio espantado diante da veemência do filho. E retruca, também com ênfase:

MANOEL FRANCISCO: Sem esta gente, e mais os índios, Portugal perderia a Colônia. Não existiriam as igrejas, as pontes, os palácios, chafarizes.

Aproxima-se mais do filho e completa:

MANOEL FRANCISCO: E não estaria sendo extraído dos rios e das rochas o ouro que tanta riqueza produz!

ANTÔNIO FRANCISCO: Tanta riqueza produz sim, mas para Portugal, para a Inglaterra. Para o Brasil o que sobra? Não existem escolas, nem hospitais!

MANOEL FRANCISCO: Portugal teve que ser forte! Do contrário, toda a América seria espanhola, e não estariam aqui os grandes mestres e artesãos com os quais tens aprendido tanto.

Antônio Francisco, pensativo, afasta-se do pai e vai à janela. Olha a noite, iluminada pelos lampiões, volta para perto do pai e, a princípio com serenidade, mas, aos poucos se inflamando, retoma o tom revoltado de antes:

ANTÔNIO FRANCISCO: É certo o que o senhor diz, pai. Me perdoe. Toda Vila Rica reconhece isso que o senhor diz. O que não aceito é a situação desses milhares de escravos. Povos inteiros foram trazidos para cá para dar tudo e desaparecer. Ser moído como se não passasse de uma força animal.

Manoel Antônio não se dá por vencido e retruca, sem grande vigor na voz:

MANOEL FRANCISCO: Sabe, Antônio, muitos estão sendo alforriados. Tudo foste, por exemplo, tua mãe também.

A discussão entre pai e filho atrai Isabel à sala. Preocupada, temendo um conflito mais sério entre os dois, a mãe de Antônio Francisco aproxima-se de Manoel Francisco e lhe diz, com voz humilde:

ISABEL: Manoel, já é tarde. Vosmecê está cansado. Melhor descansar.

Chega perto do filho, beija-o e também recomenda, com ternura:

ISABEL: Você também, meu filho. Amanhã cedo é dia de trabalho na capela do Rosário.

ANTÔNIO FRANCISCO: Tem razão, mãe. É melhor mesmo, pai. Vamos dormir.

Antes de se afastar, Manoel Francisco ainda diz ao filho, amistosamente:

MANOEL FRANCISCO: Não sou indiferente ao que me dizes, Antônio. Também sofro com a situação. Gostaria muito que todos fossem livres. São seres humanos, filhos de Deus.

ANTÔNIO FRANCISCO: Filhos esquecidos, pai. Esquecidos e abandonados.

Manoel Francisco coloca a mão no ombro do filho e, afetuosamente, lhe fala:

MANOEL FRANCISCO: Fico preocupado é porque o que dizes é perigoso. Melhor não te meteres em política. Não te esqueças o que aconteceu a Paschoal da Silva, a Felipe dos Santos.

Pai e mãe deixam a sala, enquanto Antônio Francisco Lisboa, só na sala, volta à janela e fica observando o exterior. Depois fecha a janela, apaga a lamparina e vai também para o quarto.

SOM – Na trilha sonora ouvem-se passos de soldados patrulhando as ruas e, em bg, bater de sino.

FADE-IN - FADE-OUT

SEQÜÊNCIA 8

INTERIOR – CASA DE JOANA LOPES – DIA

28. De volta à casa de Joana Lopes, câmara focaliza a parteira e Rodrigo Bretas no mesmo local visto anteriormente.

A primeira a falar é a nora do Aleijadinho, relatando o encontro de Antônio Francisco com João Gomes Batista.

JOANA LOPES: Muito importante para Antônio Francisco o encontro com o senhor João Gomes Batista. Ouviu falar nele, siô Bretas?

BRETAS: Ouvi sim, dona Joana. Antônio Francisco aprendeu muito com ele. Era um mestre. Português, veio do Rio de Janeiro para Vila Rica, onde trabalhou como abridor de cunhos na Casa de Fundição. Um profissional notável.

CORTA DIRETO PARA

SEQÜÊNCIA 9

INTERIOR – ESCADARIA DA CASA DE JOÃO GOMES BATISTA – OURO PRETO – DIA

29. Enquadra-se, na parte baixa da escadaria interna da casa de João Gomes Batista, Antônio Francisco, carregando um rolo de papel com desenhos. Ele entra no quadro, pela esquerda, e começa a subir a escadaria.

30. Em nova angulação, câmara focaliza Antônio Francisco de frente, em P.A., subindo a escadaria.

31. . Enquadra-se Antônio Francisco em ¾ de perfil, à direita do quadro. Ele para no último degrau e bate à porta fechada.

Poucos instantes depois ela se abre e deixa ver a figura cordial e amistosa de João Gomes Batista, a quem Antônio Francisco se dirige, com certa timidez:

ANTÔNIO FRANCISCO: Bom dia, senhor João Gomes. Sou Antônio...

João Gomes, sorridente, interrompe o visitante, dizendo:

JOÃO GOMES BATISTA: Sei, o filho de meu ilustre amigo Manoel Francisco Lisboa.

Coloca a mão no ombro de Antônio Francisco e o convida afetuosamente a entrar:

JOÃO GOMES BATISTA: Vamos entrar, vamos entrar Já ouvi muito bem a teu respeito.

**INTERIOR – SALA DA CASA DE JOÃO GOMES BATISTA –
DIA**

32. No interior da sala da casa de João Gomes, câmera focaliza mestre e aluno diante da porta.

Através de Pan-E-D, a objetiva os segue até o centro da grande sala, na qual podem ser vistas diversas mesas (tabuleiros rústicos), diante das quais cinco homens (dois brancos, um negro e dois pardos), todos muito jovens) fazem esboços ou copiam gravuras de grossos alfarrábios.

Antônio Francisco faz um gesto cordial para todos que, naturalmente, se voltam para o recém-chegado.

Câmera inicia Trav-Avante até enquadrar João Gomes e Antônio Francisco em P.A.

João Gomes apanha o rolo de desenhos que Antônio Francisco lhe estende e se encaminha até uma mesa numa das extremidades da sala (PAN para acompanhá-los).

Senta-se . Antônio Francisco entra no quadro. O mestre lusitano lhe faz um gesto para que puxe uma cadeira (Câmera corrige o quadro).

33. Focalizado agora em P.P., João Gomes Batista demonstra enorme interesse pelos esboços que vai retirando do maço e observando atentamente. Balança afirmativamente a cabeça (CLOSES de alguns desenhos).

34. Antônio Francisco se debruça em certo momento sobre a mesa, tira um lápis-carvão e começa a retocar o rosto de um escravo. Trata-se de um negro sentado numa pedra, à beira de um riacho, o rosto cansado.

35. CORTE para detalhar a mão de Antônio Francisco, retocando o desenho.

SEQÜÊNCIA 10

INTERIOR – IGREJA DO PILAR – OURO PRETO – DIA

36. Diante de um dos altares da Igreja do Pilar, câmera focaliza Antônio Francisco, João Gomes Batista e alguns alunos examinando detalhes de trabalhos executados por Francisco Xavier de Brito.

João Gomes aponta para detalhes da obra, mas sua voz não será ouvida, já que a trilha sonora será ocupada pelo forte som de órgão (música de Lobo de Mesquita).

SOM – Música barroca de órgão.

MÚSICA DE FUNDO vai para bg, permitindo ouvir-se em off, as vozes de Bretas e Joana Lopes:

JOANA LOPES (voz off) Me contaram que meu sogro aprendeu também a desenhar e fazer trabalhos em madeira e pedra-sabão com outro mestre chegado de Lisboa. O nome dele esqueci.

BRETAS (voz off) - Francisco Xavier de Brito, dona Joana. Famoso ornamentista e mestre em talha. Mas a relação estabelecida foi diferente. Antônio Francisco não o conheceu pessoalmente, Quando Xavier de Brito morreu, ele tinha apenas treze anos. Mas se deixou impressionar pela obra de mestre e com ele muito aprendeu. Certos trabalhos de escultura de Xavier de Brito aparecem na obra de Antônio Francisco, só que já tocados pela genialidade.

SOM – Volta a ouvir-se música de órgão.

37. CÂMERA DETALHA Antônio Francisco e seus inseparáveis companheiros e auxiliares, todos ex-escravos, Maurício, Januário e Agostinho,

examinando outras obras de Xavier de Brito em Santa Efigênia e peças que se encontram atualmente no Museu da Inconfidência, como o coroamento do altar procedente de Santa Bárbara.

SOM – Música religiosa forte e expressiva.

FADE-INT - FADE-OUT

SEQÜÊNCIA 11 - PRIMEIRA VERSÃO

EXTERIOR – CACHOEIRA DAS ANDORINHAS - MANHÃ

38. Câmera, instalada em grua, enquadra em G.P.G., a bonita região da Cachoeira das Andorinhas, destacando o riacho onde as mulheres vão lavar roupa.

SOM – Ruído forte da cachoeira.

Logo surgem, por vários caminhos, mulheres de cor e mestiças com suas trouxas de roupas sobre as cabeças. São lavadeiras que logo se distribuem por uma das margens do riacho e começam a lavar as peças de roupas que retiram das trouxas. Grua desce lentamente e focaliza o grupo de lavadeiras.

38. CORTA para Antônio Francisco Lisboa chegando com a mãe, Isabel, trazendo uma bacia com roupa para lavar.

Isabel avista uma mulata de grande beleza, lavando roupa, que ela conhece, e, seguida pelo filho, vai em sua direção.

Antônio Francisco tem a atenção fortemente atraída pela mulata que tem bonitas pernas metidas na água, lavando e batendo roupa numa pedra grande e lisa.

39. P.A. de Isabel, a lavadeira e Antônio Francisco.

Isabel se aproxima e vai sentar-se ao lado de Helena, a quem pergunta, sorridente:

ISABEL: Cê veio cedo hoje, hein Helena? Muita roupa pra lavar?

HELENA: Tem gente demais lá em casa, dona Isabel. Meu pai e dois irmãos trabalham na mina, já viu só?

Percebendo o olhar de grande admiração que Antônio Francisco dirige à lavadeira, Isabel então pergunta:

ISABEL: Cê conhecia meu filho, o Antônio...

HELENA (interrompendo): ... Francisco Lisboa. Quem não conhece o grande artista, dona Isabel?

40. Antônio Francisco, cada vez mais interessado, senta-se ao lado de Helena e, modestamente, comenta:

ANTÔNIO FRANCISCO: Ainda sou aprendiz, Helena. Só não aprendo é lavar roupa.

HELENA: E nem precisa. Isto é trabalho de mulher.

SOM - Ruídos ambientais.

41. AF e Helena trocam um olhar de mútua simpatia. Depois Helena apanha uma peça de roupa e, com certa força, mergulha-a no riacho, fazendo a água espirrar no rosto de Antônio Francisco, a quem diz, falsamente preocupada:

HELENA: Ó, me desculpe, sinhô Antônio!...

ANTÔNIO FRANCISCO: Não tem importância, sinhá Helena... É meu segundo batismo....

F U S Ã O

EXTERIOR – PONTE DE PEDRA EM VILA RICA – NOITE

42. P.A. de Antônio e Helena caminhando por uma ponte de pedra. Vão até um belo chafariz, hoje conhecido como “Chafariz de Marília”.

Com as mãos em concha, Helena toma água, que sai de um cano. Antônio Francisco faz o mesmo.

SOM – Música desaparece, ouvindo-se somente ruídos do chafariz e da noite.

EXTERIOR – CACHOEIRA DAS ANDORINHAS – NOITE

Há um corte direto para o mesmo local onde AF viu Helena pela primeira vez, quando lavava roupa no bonito riacho. No enquadramento enfatiza-se a paisagem ao anoitecer, com o perfil das montanhas e do riacho empedrado.

Antônio Francisco e Helena entram no quadro pelo fundo.

Câmera, instalada em steadycam, documenta o passeio do casal na noite inundada por um belo luar.

ANTÔNIO FRANCISCO: Gostaria de fazer um retrato seu. Para me lembrar quando não estiver mais aqui.

HELENA: Vai deixar Vila Rica?

ANTÔNIO FRANCISCO: Sim. A não ser que você fique comigo.

HELENA: Fico. Fico para sempre!

Os dois param de caminhar. AF toma o rosto de Helena nas mãos. Câmera avança em travelling até detalhar os dedos do rapaz acariciando o belo rosto de Helena. Depois beija-a nos cabelos, na fronte, nos olhos e, fortemente, na boca.

Helena se deixa abraçar e tocar por aqueles dedos feitos para criar beleza. Na trilha sonora sobe música romântica de mistura com acordes dramáticos e pressagiosos.

FADE-IN - FADE-OUT

SEQÜÊNCIA 11 - SEGUNDA VERSÃO

NOTA - Esta segunda versão descreve também o encontro de Antônio Francisco Lisboa com Helena. No entanto, só será realizada se o orçamento do filme o permitir, por tratar-se de seqüência muito dispendiosa. Este, o Roteiro esquemático desta versão alternativa.

EXTERIOR – PRAÇA E ESCADARIA DA IGREJA DE SANTA EFIGÊNIA – OURO PRETO – DIA

37. Intalada em grua, câmera focaliza em G.P.G. a rua e escadaria da Igreja de Santa Efigênia, no topo da rua Vira-Saia, no Alto da Cruz, ainda vazias.

SOM - Começa a ouvir-se o som de tambores e “patangomes” (latas cheias de chumbo de caça miúdo) com participantes cantando em dialeto africano.

Fixadas do alto (câmera em grua) dezenas de negros e negras, com belos, ricos e coloridos trajes rituais das celebrações do Reisado do Rosário, vão surgindo e ocupando a praça.

No centro das duas filas de negros que dançam e cantam em dialetos africanos, misturados com louvores a Nossa Senhora, em português, surgem Chico Rei e sua mulher, a “rainha”, ambos sentados em tronos carregados por integrantes da tribo afro-brasileira.

Perto dos dois, “rei” e “rainha”, cantam e dançam igualmente o “príncipe”, filho de Chico, a “princesa”, sua nora e toda a comunidade negra da “corte”, formando, na verdade, como informam os historiadores, um verdadeiro Estado dentro do Estado.

SOM – Sobem, fortes e imponentes, ruídos de tambores, atabaques e outros instrumentos, além de cânti-

cos

em língua africana e portuguesa.

“Como naquele tempo toda *Irmandade* estava unida à idéia religiosa de um santo patrono, tomou o numeroso grupo de Chico Rei o patronato de Santa

Efigênia, à qual ergueu, à custa do ouro da Mina da Encardideira, o belo templo no Alto da Cruz”.

“No dia 6 de janeiro – ensina Diogo de Vasconcelos na “História Antiga das Minas Gerais” – o rei, a rainha e os príncipes vestidos como tais eram conduzidos em ruidosas festas africanas à igreja para assistirem à missa cantada, e depois percorriam em danças características, tocando instrumentos musicos indígenas da África, pelas ruas. Era o “Reisado do Rosário”, festa que se imitou em todos os povoados das Minas”.

38. Câmera principal e segunda câmera documentam, em planos diversos, a trepidante festa de Chico-Rei e sua corte afro-brasileira
39. Uma das “tomadas” mostrará, em um canto da escadaria da Igreja de Santa Efigênia, nosso personagem, Antônio Francisco Lisboa ao lado da mãe, Isabel, apreciando a festa do Reisado.
Perpassando os olhos pela multidão de participantes da pictórica festividade, Antônio Francisco tem a atenção fortemente atraída por uma mestiça, das mais belas, graciosas e destacadas entre as mulheres que participam da celebração.
É Helena, que virá a ser o grande amor de nosso artista, também ela atraída pelo olhar de admiração de Antônio Francisco.
40. Outros planos documentam a subida dos participantes do Reisado pela escadaria do templo religioso e destacam, em primeiros-planos, a imponência de Chico-Rei e sua corte.
41. Também novos primeiros-planos acentuam o olhar, quase de deslumbramento, que Antônio Francisco dirige a Helena.
42. As filmagens em exteriores da Igreja de Santa Efigênia terminam quando Chico-Rei e os integrantes do Reisado entram solenemente no templo.

INTERIOR – NAVE DA IGREJA DE SANTA EFIGÊNIA – DIA

43. Do alto do coro da Igreja de Santa Efigênia, câmera focaliza, em G.P.G., a nave sendo aos poucos invadida pelos participantes do Reisado do Rosário.

44. Em seguida, já em nível normal, câmera registra a multidão que vai ocupando os bancos do templo religioso.
45. Em nova angulação, focaliza-se Antônio Francisco que, avistando Helena sentada em um banco na frente da nave, faz o mesmo e vai sentar-se ao lado dela.
Os dois se fitam e conversam, mas sua voz não se ouve, abafada pelo burburinho da multidão.
Câmera, em lento Trav-Avante, vai enquadrar AF e Helena em primeiro-plano, permitindo ouvir-se o curto diálogo que mantêm, em baixo tom de voz:

ANTÔNIO FRANCISCO: Você é a mais linda do Reisado. E como sabe dançar!

HELENA: Bondade sua...

ANTÔNIO FRANCISCO: Não vai me dizer seu nome?

HELENA: O seu, primeiro.

ANTÔNIO FRANCISCO: Antônio...

Helena abre-se num sorriso brejeiro, interrompendo o admirador:

HELENA: Eu sei. Antônio Francisco Lisboa. Vila Rica inteira conhece.

46. O curto diálogo entre AF e Helena é interrompido pela música forte que vem do órgão instalado no coro.

SOM - Música religiosa eloqüente vinda do órgão do coro.

EXTERIOR – CACHOEIRA DAS ANDORINHAS – TARDE

47. EM CORTE DIRETO câmera focaliza a imponente paisagem da Cachoeira das Andorinhas, na Serra de Ouro Preto.

SOM – O som do órgão é substituído pelo ruído da cachoeira.

NOTA: VOLTAMOS PARA O PLANO 43 DA SEQÜÊNCIA 11 DA PRIMEIRA VERSÃO.

SEQÜÊNCIA 12

INTERIOR – SACRISTIA DA IGREJA DO PILAR – DIA

44. Estamos na primeira metade dos anos sessenta do século dezoito.
Antônio Francisco Lisboa tem agora 28 anos de idade. Cultiva uma barba espessa e o cabelo é preto e anelado.

No interior da Matriz do Pilar, auxiliado por Maurício, Januário e Agostinho, AF está dando os derradeiros retoques no belo oratório de jacarandá.

Maneja com grande habilidade o buril e os demais instrumentos com os quais vai dando forma às figuras do oratório (P.P. das mãos trabalhando).

SOM – Ruído dos instrumentos no trabalho e, quando do P.P., acorde dramático de premonição.

SEQÜÊNCIA 13

INTERIOR – CASA DE ANTÔNIO FRANCISCO – NOITE

45. Antônio Francisco dá ruidosa entrada no quarto de sua casa. (Pan para acompanhá-lo.

Helena acaba de se meter sob as cobertas e se assusta com a entrada efusiva do companheiro.

AF vai sentar-se na beira do leito, toma nos braços o corpo da amante e a abraça com vigor.

46. P.M. cerrado dos dois.

Helena, sorridente, pergunta:

HELENA: Quê que houve, homem? Viu um passarinho?

47. P.P. de Antônio Francisco que deixa que ela se ajeite no travesseiro e diz, eufórico:

ANTÔNIO FRANCISCO: Estou vindo da reunião do Consistório da Ordem Terceira de São Francisco de Assis, reunido solenemente na Matriz de Nossa Senhora da Conceição de Antônio Dias, e que aprovou meu risco para a capela de São Francisco de Assis.

INTERIOR – CASA DE CLÁUDIO MANOEL DA COSTA - NOITE

48. Em corte direto da sequência anterior, câmera se desloca para o interior da senhorial sala da residência de Cláudio Manoel da Costa e nela documenta, em planos expressivos, o importante encontro de Antônio Francisco com Cláudio Manoel e sua mãe, dona Teresa Ribeiro de Alvarenga, ministra perpétua da Irmandade.

É uma sala ricamente decorada, revelando o alto nível financeiro, social e cultural do grande poeta mineiro.

Sentados em ricos móveis coloniais, Antônio Francisco ouve, com grande e respeitosa consideração, a boa notícia que lhe dão aquelas destacadíssimas personalidades da vida social e cultural de Vila Rica.

Sentado ao lado de dona Teresa, em elegante sofá, o futuro inconfidente se dirige amistosamente a Antônio Francisco, abrindo o diálogo:

CLÁUDIO MANOEL: Como lhe disse minha mãe, mestre Antônio, a Ordem aprovou o risco para a futura capela de São Francisco de Assis. O arrematante da construção será o senhor Domingos Moreira de Oliveira e, atendendo sua sugestão, o douramento e a pintura serão de Manoel da Costa Ataíde.

Antônio Francisco, visivelmente satisfeito, intervém, respeitoso:

ANTÔNIO FRANCISCO: É sempre uma honra para mim trabalhar com mestre Ataíde.

Neste ponto, dá entrada na sala uma escrava com uma bandeira com iguarias de época, que ela coloca sobre uma mesa no centro do conjunto de móveis onde se sentam Cláudio, sua mãe e Antônio Francisco.

Antes de servir, dona Teresa Ribeiro de Alvarenga dirige-se ao visitante, também com grande cordialidade:

DONA TERESA: Também aprovamos Lucas Evangelista de Jesus para o trabalho de madeira das portas de entrada e da sacristia e Manoel Gonçalves para o tapavento.

CLÁUDIO MANOEL: Só gente da maior competência. Com esta equipe, estou certo, teremos a mais bela capela de Vila Rica.

ANTÔNIO FRANCISCO: Deus o ouça, doutor Cláudio, Deus o ouça.

Dona Teresa se levanta e, ela própria, serve as iguarias ao filho e a Antônio Francisco.

Logo em seguida, Cláudio Manoel volta a dizer a Antônio Francisco:

CLÁUDIO MANOEL: Vai ser obra de grande porte, meu caro mestre. Estive avaliando e fiquei assustado. Arquitetura do templo e toda a decoração, escultura da portada, dos retábulos, coroamento do retábulo principal com as imagens da Santíssima Trindade, anjos, o Cordeiro sobre o sacrário, todo o teto da capela-mor e dois púlpitos. E ainda o chafariz da sacristia.

Dona Teresa então interfere com especial simpatia pelo artista:

DONA TERESA: É trabalho para uma vida inteira.

Depois se levanta, completando:

DONA TERESA: Se me dão licença, tenho uma tarefa que me espera.

Antônio Francisco imediatamente se levanta, enquanto dona Teresa dele se aproxima e lhe estende mão, que ele beija com elegante reverência, ouvindo-a despedir-se:

DONA TERESA: Até breve, mestre Antônio.

ANTÔNIO FRANCISCO: Até breve. Agradecido por tudo.

A ilustre senhora deixa a sala, enquanto Antônio Francisco faz menção de se retirar, mas Cláudio Manoel o dissuade:

CLÁUDIO MANOEL: O senhor está apressado? Eu teria alguma coisa a lhe dizer.

Antônio Francisco, seguido pela câmera em travelling, vai colocar-se no mesmo sofá, ao lado de Cláudio Manoel, que prossegue:

CLÁUDIO MANOEL: Quando vim da Europa, trouxe muitos livros. A melhor literatura que encontrei sobre arte. Quero colocá-los ao seu dispor. Acho que lhe serão de grande ajuda.

ANTÔNIO FRANCISCO: Muita generosidade sua, Doutor Cláudio. Não dispensarei de maneira alguma essa oportunidade. Vou amolá-lo bastante, o senhor vai ver.

CLÁUDIO MANOEL: Venha quando quiser. tenho matéria farta sobre a Espanha, Portugal, Itália, França. Alemanha. Mas o senhor já está deixando o barroco, não é verdade? Sei de seu interesse pelo rococó.

INTERIOR – BIBLIOTECA DE CLÁUDIO MANOEL – NOITE

49. Em corte direto, câmera focaliza Antônio Francisco Lisboa em um recanto da rica biblioteca de Cláudio Manoel da Costa.

Senta-se diante de uma mesa, sobre a qual se vêem grossos volumes de arte, com ilustrações de templos e obras do barroco europeu.

Diante de um dos livros, aberto, Antônio Francisco, papel à mostra, faz cópias, enquanto, na trilha sonora, se ouve a voz off de Cláudio Manoel da Costa:

CLÁUDIO MANOEL (voz off): A sua orientação é que está certa, mestre Antônio Francisco. Vem fazendo a sua revolução. Tem procurado sempre as suas soluções pessoais e um estilo brasileiro, sem desprezar o estudo dos clássicos, dos grandes mestres europeus.

50. Detalhe da mão direita de AF, com lápis de carvão, fazendo cópias do livro que examina atentamente.

Continua, no entanto, a ouvir-se a voz off de Cláudio Manoel:

CLÁUDIO MANOEL (voz off): Claro que o exemplo do seu pai deve ter representado grande ajuda. Sorte ser filho de Manoel Francisco Lisboa. Mesmo havendo nascido e estudado em Portugal, não ficou indiferente à influência do meio em que passou a viver, soube se adaptar às características da arquitetura no Brasil.

51. P.P. (câmera ligeiramente no alto) de Antônio Francisco, em ¾ de perfil, à direita do quadro, com o livro de arte à esquerda. Câmera mostra AF que vira a página do livro, deixando ver a gravura de um templo barroco da Europa.

Enquanto isto, continua a ouvir-se a voz off de Cláudio Manoel:

CLÁUDIO MANOEL (voz off) - Insista mesmo, meu jovem artista, em realizar uma obra pessoal, duradoura, que reflita o tempo e a alma do nosso povo. O futuro lhe fará justiça e a sua sombra se estenderá sobre esta terra como uma consagração e uma vitória. Será grande a sua glória.

INTERIOR – CASA DE ANTÔNIO FRANCISCO – NOITE

52. De volta ao quarto da casa de AF, câmera focaliza nosso personagem abraçado a Helena que, em certo momento, coloca o rosto no peito do amante e lhe diz, amorosamente:

HELENA: Que maravilha, Antônio, confiaram a você obras tão importantes!

ANTÔNIO FRANCISCO: Quero trabalhar mais ainda, Helena. Chegar longe. Para isso, vou precisar de seu carinho.

HELENA: Isto não lhe faltará. Pode ter certeza.

53. Câmera inicia lento Trav.-Avante até fixar o casal em P.P.

AF se volta para Helena e começa a acariciar-lhe o rosto, a boca, depois os seios, enquanto a amante, possuída pelo desejo e a excitação, exclama:

HELENA: Te quero muito, Antônio. Muito!

F A D E

SEQÜÊNCIA 14

EXTERIOR - RIACHO - LAVAGEM DE CASCALHO - DIA

54. DETALHE das mãos de um garimpeiro negro, movimentando uma bateia, na qual vai sendo depositada, misturada à água de um riacho, pequena quantidade de ouro de aluvião.

55. P.G.do riacho (câmera em grua) e de uma multidão de mineradores, negros, mulatos e brancos, inclusive crianças, todos seminus, ocupados no trabalho de garimpagem e lavagem de cascalho.

Canoas e bolinetes são usados na lavagem do cascalho, no meio do qual podem ser encontradas pepitas de ouro, meta de todos ("FLASHES" dos procedimentos técnicos da busca de ouro naqueles tempos).

SOM – Ruídos dos trabalhos de lavagem do cascalho.

56. Câmera desce e enquadra Antônio Francisco em P.P., parado, sobre um pequeno morro, na beira de uma estradinha, observando o penoso trabalho escravo.

SEQÜÊNCIA 15

INTERIOR – CANTEIRO DE OBRAS DE IGREJA EM CONSTRUÇÃO – DIA

57. Câmera registra vários planos, inclusive por computação gráfica, mostrando um grupo de pessoas (a maioria negros e mulatos, trabalhando na construção daquela que seria a mais bela igreja barroca de todo o Brasil, a de São Francisco de Assis, "obra-prima" comovente, no dizer de Lúcio Costa.

SOM – Ruídos ambientais do trabalho na igreja.

Estamos nos primeiros anos da década de 70 do século 18 na Vila Rica.

Antônio Francisco está aproximadamente com 35 anos de idade. Os cabelos e a barba enbranqueceram prematuramente, mas ele age com excepcional vigor, como se tivesse pressa.

Com o formão e os demais instrumentos trabalha com inexcedível perícia, tanto a pedra-sabão, como a madeira de lei, quase sempre cedro e jacarandá.

Com o emprego de modernas técnicas de efeitos especiais eletrônicos, de maquetes e computador, vemos desta feita a maravilhosa igreja de São Francisco de Assis ganhando forma, elevando-se no belo anfiteatro onde hoje proliferam barracas e tabuleiros de artesãos de jóias baratas, estatuetas, anéis, etc.

Câmera, versátil, documentando o trabalho de AF e seus auxiliares, focaliza bom número de curiosos apreciando o templo sendo erguido, com as obras bem adiantadas e de algumas maquetes (trucagens eletrônicas).

Na seqüência especial, vamos para o interior da sacristia do templo em adiantada construção. Ali estão Antônio Francisco e seus ajudantes, comendo de marmita, em silêncio.

SOM – Em bg, ruídos de obras no templo.

De repente a atenção do grupo é atraída para a porta de entrada na sacristia.

P.M. e PAN para enquadrar Helena que chega, com ar preocupado. Ela se aproxima de AF e lhe diz:

HELENA – Venha, Antônio, seu pai teve um ataque e está muito mal.

Antônio Francisco deposita a marmita no chão e se levanta, seguindo a companheira. Depois os dois saem de quadro.

CORTA PARA

INTERIOR – QUARTO DA CASA DE ANTÔNIO FRANCIS-
CODIA

58. No quarto de Isabel, iluminado, com a janela fechada, por um lampião de querosene, o agonizante Manoel Francisco Lisboa, é visto, em P.M., deitado no leito largo, muito pálido.

Ao lado da cama Isabel, a mãe de Antônio Francisco, está sentada numa cadeira, rezando com um terço na mão, enquanto Padre Felix, filho do arquiteto português com a segunda mulher, Antônia Maria de São Pedro, termina de aplicar a Extrema Unção.

A porta se abre e entram Antônio Francisco e Helena. Compungido, AF, vestido como visto na sacristia, aproxima-se do leito de morte do pai.

59. Deixando Manoel Francisco em P.P., com os olhos cerrados, à esquerda do quadro, de perfil, câmara enquadra Antônio Francisco sentando-se na beira da cama.

Manoel Francisco abre os olhos, como se pressentisse a presença do filho, e lhe estende uma das mãos. Em contra-campo, câmara enquadra AF à direita do quadro, em ¾ de perfil, com o pai à esquerda. AF toma-lhe delicadamente a mão, enquanto Manoel Francisco faz um gesto para que chegue mais perto do travesseiro.

60. P.P. de Manoel Francisco e o filho, que quase recosta o rosto no do pai, que, com voz débil, murmura:

MANOEL FRANCISCO : Cumpra teu destino de artista, filho... É como me honrarás. Eu comecei... serás a continuação...

Manoel Francisco faz um último esforço e ainda consegue dizer, com um resto de voz:

MANOEL FRANCISCO: Proteja... sempre... tua mãe...

Antônio Francisco se curva e beija a mão do pai, enquanto Padre Felix se aproxima da cama e faz o sinal da cruz na testa suada do pai (P.P. dos dois) que fecha os olhos e dá o último suspiro.

Todos se ajoelham e rezam em voz baixa.

FADE LENTO

SEQÜÊNCIA 16

EXTERIOR – SÍTIO DE JOANA LOPES – MANHÃ

61. Enquadra-se em P.G. a modesta casa de Joana Lopes.
Câmera inicia Trav-Avante e se aproxima da janela aberta da sala onde se encontram o professor Bretas e a nora do Aleijadinho.
Ultrapassa a janela e penetra na sala onde os dois conversam.

INTERIOR – SALA DA CASA DE JOANA LOPES – MANHÃ

62. Continuando o “travelling”, câmera vai enquadrar de perfil Bretas e Joana Lopes, sentados um diante do outro.
Joana Lopes oferece um pedaço de bolo ao professor. Há uma cafeteira e dois cuités. Bretas come devagar o bolo, enquanto Joana enche os dois cuités de café, ouvindo-o dizer:

BRETAS: Bolo delicioso, dona Joana...

Depois serve-se de café e retira um caderninho do bolso, dizendo:

BRETAS: A senhora me dizia, mestre Antônio fez algumas viagens a Sabará.

JOANA LOPES: Várias, professor. Os padres da Ordem do Carmo de lá queriam fazer o embelezamento da capela deles. Aconteceu uma brigalhada entre os irmãos da Ordem Terceira do Carmo daqui e os de Sabará.

SEQÜÊNCIA 17

EXTERIOR – ESTRADA DE TERRA PERTO DE SABARÁ - DIA

63. P.G.(câmera em grua) de Antônio Francisco e de seus três habituais ajudantes, todos montados, cavalgando nas proximidades da cidade de Sabará, vista ao fundo.
Depois atingem uma velha ponte de pedra (câmera desce lentamente até fixar o grupo em P.M.)

SOM – Ruídos de patas de cavalos.

Volta a ouvir-se a voz off de Joana Lopes:

JOANA LOPES (voz off): Os padres de Sabará queriam ficar independentes dos daqui. Acabaram ganhando. Chamaram meu sogro para trabalhar na capela que estavam construindo. É muito bonita. O senhor conhece?

BRETAS: Sim, conheço. Uma linda igreja. A marca do gênio de Antônio Francisco ficou registrada nela.

64. Instalada em veículo, câmera acompanha, em Trav.-Atrás, a comitiva de Antônio Francisco, seguindo pela estrada de terra e aproximando-se de Sabará.

SOM – Tropel lento de cavalos e, em bg, bater de sinos de igreja.

Durante este plano, continua a ouvir-se a voz off de Joana Lopes:

JOANA LOPES (voz off) – A viagem a Sabará chegou mesmo na hora. Antônio tinha ficado muito abalado com a morte do pai. Foi muito bem recebido lá.

INTERIOR – IGREJA DO CARMO DE SABARÁ - DIA

66. CORTE DIRETO para o interior da Igreja do Carmo de Sabará.

Câmera, em planos de documentação, fixará alguns dos mais importantes trabalhos do escultor, enquanto na trilha sonora serão ouvidas as vozes off de Bretas e Joana Lopes:

JOANA LOPES (voz off): Esteve uns quatro anos, mais ou menos, em Sabará. Voltou algumas vezes a Vila Rica. Fez várias obras na Igreja do Carmo. Só que não me lembro mais quais foram.

BRETAS (voz off): Anotei aqui no caderninho alguns recibos guardados pela Ordem do Carmo de Sabará. Risco do frontispício, portada, imagens de São Simão Stock e São João da Cruz, dois púlpitos de pedra-sabão com baixos-relevos, grades da nave, portas principais e alguma coisa mais.

67. Ainda no interior da Igreja do Carmo de Sabará, câmera focaliza, em contre-plongée, as pinturas dos forros da capela-mor e da nave, enquanto Bretas explica, em voz off:

BRETAS (voz off): Em Sabará, mestre Antônio Francisco contou com a colaboração de companheiros de muito valor. Francisco Vieira Servas, Joaquim Gonçalves da Rocha... Este último se encarregou das pinturas dos forros, da capela-mór e da nave.

SOM - Na trilha sonora serão ouvidos trechos de música de autores barrocos mineiros.

FUSÃO RÁPIDA

EXTERIOR – FRENTE DA IGREJA DO CARMO – SABARÁ – NOITE

68. Antônio Francisco, Januário, Maurício e Agostinho deixam o interior da Igreja do Carmo, após novo dia de trabalho. Já é noite. Estão fatigados e se preparam para descansar na casa onde se hospedam. Diante da porta principal de entrada, AF se volta para os companheiros e lhes fala:

ANTÔNIO FRANCISCO: Amanhã estou voltando para Vila Rica. Com você, Agostinho. Muitas saudades de minha mãe e Helena. Também estou muito cansado.

Dirige-se então a Agostinho, pedindo:

ANTÔNIO FRANCISCO: Quero que me consigas uma carroça para a viagem. E não te esqueças também de colchão e cobertores. Está muito frio.

Depois recomenda a Maurício e Januário:

ANTÔNIO FRANCISCO: Vocês dois ficam para acabar o serviço. Falta pouco. Deixo os desenhos dos púlpitos.

Depois, por uma ruela, se afastam e desaparecem no escuro da noite

FADE-IN - FADE-OUT

SEQÜÊNCIA 18

INTERIOR – CASA DE FUNDIÇÃO DE VILA RICA – DIA

69. Nova série de planos focalizam máquinas manuais, operadas por escravos vigiados por guardas armados, fundindo e cunhando ouro.

SOM – Ruídos de máquinas operando. Logo cresce na trilha sonora música de fundo, dramática.

70. Um homem, vestido com certo apuro, chega diante de uma grande mesa, ocupada por três homens de nacionalidade portuguesa em mangas de camisa. Têm diante de si balanças para pesar o metal.

O recém-chegado abre um saco de pano e exhibe o ouro para o encarregado de “cobrar” o quinto. Este toma o ouro em pepitas e as coloca na balança. Faz um cálculo numa caderneta e separa uma pequena quantidade do metal, que devolve ao minerador.

Sobre estes dois planos (69 e 70) ouvir-se-á a voz off de Bretas e de Joana Lopes, comentando:

JOANA LOPES (voz off): Naquela época o ouro estava acabando. Todo mundo dizia, mas os portugueses continuavam cobrando o "quinto", que mandavam para Lisboa.

O povo ficava cada vez mais pobre e revoltado.

BRETAS (voz off): E mestre Antônio, dona Joana, recebia direitinho pelo trabalho?

JOANA LOPES (voz off): Que nada! Trabalhava demais e ganhava uma miséria! Trabalhou anos e anos, recebendo meia oitava de ouro por dia... E, mão aberta, dividia tudo que ganhava meio a meio com seus ajudantes, Maurício, Agostinho e Januário.

F U S Ã O

SEQÜÊNCIA 19

INTERIOR – ATELIER DE ANTÔNIO FRANCISCO – DIA

71. No interior de seu atelier Antônio Francisco trabalha na escultura em madeira de Nossa Senhora do Carmo (ou de outra santa com expressão serena e espiritual).

Câmera inicia lento Trav.-Avante até fixar em detalhe, o rosto da santa esculpida pelo artista.

INTERIOR – CASA DE ANTÔNIO FRANCISCO – NOITE

72. EM CORTE DIRETO da tomada anterior, câmera focaliza o rosto de Helena em P.P.

É um rosto ardente e sensual, contrastando com a expressão pura da santa esculpida por Antônio Francisco, como vista no plano anterior.

Câmera recua, em travelling, abrindo o quadro até P.A., mostrando AF, despido, que se aproxima do corpo, também nu, de Helena, que o espera excitadamente.

Em vez de possuí-la imediatamente, Antônio Francisco começa a acariciá-la com as mãos, aquelas mesmas mãos que antes esculpiam a imagem da santa.

73. Em novo enquadramento, câmera detalha as mãos de Antônio Francisco, acariciando com delicadeza, mas também com sensualidade, os cabelos, a fronte, os olhos, as faces e, finalmente, a boca sensual de Helena.

Helena se deixa tocar e responde à carícia do amante com um olhar erigido de desejo.

Câmera recua lentamente e focaliza as mãos e parte do rosto e corpo de Antônio Francisco e Helena.

AF agora acaricia o pescoço e depois os seios de Helena.

Em seguida, as mãos de AF descem até o sexo de Helena, não mostrado pela objetiva, pois câmera faz pequena panorâmica para cima e novamente enquadra o rosto lascivo da mestiça.

Antônio Francisco, enlaçando-a com força, beija-lhe a boca, apaixonadamente.

SOM - Sobe música romântica.

FADE-IN - FADE OUT

SEQÜÊNCIA 20

INTERIOR – CASA DE ANTÔNIO FRANCISCO LISBOA – DIA

80. Na sala da casa onde reside com mãe Isabel e Helena, Antônio Francisco, fixado em P.P., trabalha no projeto da Igreja de São Francisco de Assis.

Câmera recua, em Trav., abrindo o quadro e deixando ver, ao lado dele, João Gomes Batista, a quem Antônio Francisco exhibe alguns desenhos, dizendo:

ANTÔNIO FRANCISCO: Estou cuidando do coroa-mento da porta principal, João Gomes. Veja. Uma composição em pedra-sabão com dois medalhões e as cinco chagas, outro com os cinco dados. Dominando tudo, um medalhão maior com a imagem de Nossa Senhora da Conceição em meio corpo, coroada.

JOÃO GOMES BATISTA: Esplêndida composição. Dona Teresa e o doutor Cláudio precisam ver isto. Não tenho dúvidas, será a mais bela capela de Vila Rica. E é nela que você está definindo de forma admirável o feitiço singular de sua arte, rompendo regras e tradições locais.

Antônio Francisco aperta calorosamente a mão do mestre a quem muito deve, e diz, emocionado:

ANTÔNIO FRANCISCO: Suas palavras, João Gomes, são um grande estímulo para mim. Obrigado, muito obrigado.

Os dois se levantam. Antônio Francisco acompanha João Gomes até a porta, que ele abre. Os dois se despedem afetuosamente.

João Gomes sai e Antônio Francisco, exultante, volta à sala para recomeçar o trabalho.

Helena vem então do quarto com o filho, Manoelzinho.

81. Em novo plano, câmera abre o quadro e focaliza Helena, com o filho, aproximando-se de Antônio Francisco.

AF interrompe o trabalho e recebe o filho que Helena lhe estende. Beija-o e comenta, feliz, sorridente:

ANTÔNIO FRANCISCO: Hein, gorduchinho! Meu Deus, como está gordo o menino. Não estará mamando demais?

HELENA: É isso. Tenho leite em excesso, e ele fome demais!

Antônio Francisco devolve-lhe o filho e tenta tocar nos seios de Helena. Mas ela recua, dizendo, divertida:

HELENA: Isto é para o Manoelzinho, não para você!

F U S ã O

SEQÜÊNCIA 21

EXTERIOR – FACHADA DA IGREJA DE SÃO FRANCISCO DE ASSIS – DIA

82. Através de trucagem (miniatura) ou técnica em computador, fixamos agora parte da fachada da Igreja de São Francisco de Assis, ainda com andaimes.

SOM – Música incidental.

INTERIOR – SACRISTIA DA IGREJA DE SÃO FRANCISCO DE ASSIS - DIA

83. DETALHE de um buril modelando a figura de um frade franciscano com os olhos vendados, os braços sustentando um pergaminho com inscrições latinas, obra executada para o alto-relevo do lavabo da sacristia do templo dedicado a São Francisco de Assis.

SOM – Acordes dramáticos.

Câmera recua, em travelling, e mostra Antônio Francisco sentado numa banquetta. Com o buril lava, delineia, desgasta as mãos, os dedos do frade franciscano em pedra-sabão.

84. NOVO DETALHE de AF que, com o cinzel, o formão e a marreta vai esculpindo partes do lavabo.

SOM – Música dramática domina a trilha sonora.

Repentinamente uma dor intensa obriga Antônio Francisco a emitir forte gemido.

SOM – Gemido agudo, ampliado com eco.

85. P.A. de Antônio Francisco que dobra o corpo ante a dor intensa. A marreta tomba pesadamente no chão, enquanto um rito doloroso aparece em seu rosto.

Maurício se aproxima, assustado, e se abaixa para indagar:

MAURÍCIO: Que foi, mestre Antônio?!

86. P.M. da sacristia, focalizando os outros auxiliares, Januário e Agostinho, que também chegam, assustados.

AF, com as feições exprimindo grande dor, responde, exibindo as mãos:

ANTÔNIO FRANCISCO: Sei bem não. Dor medonha... nos dedos... das mãos! Também nos pés!

87. P.P. de Agostinho que, descretamente, faz o sinal da cruz.
Câmera recua, em Trav., abrindo o quadro até P.A. do grupo.
Antônio Francisco tenta levantar-se, mas não consegue por-se de pé.
Maurício e Januário, além de Agostinho, vêm em seu socorro e o amparam, ajudando-o a caminhar até a saída da sacristia (câmera os acompanha em Pan).

EXTERIOR – RUA DA CASA DE ANTÔNIO FRANCISCO - DIA

88. Nas proximidades da casa onde reside AF, câmera focaliza os três ajudantes carregando Antônio Francisco.
Há um corte para uma das residências vizinhas para mostrar um casal de velhos chegando à janela e olhando surpresos a cena inusitada.

SOM – Sempre música dramática.

INTERIOR – CASA DE ANTÔNIO FRANCISCO – DIA

89. P.G. do grupo dando entrada no interior da casa de nosso artista.
Antônio Francisco tenta andar até seu quarto, apoiando-se nos calcanhares.
Surtem Helena e Isabel muito assustadas:

HELENA: Meu Deus, que aconteceu, Antônio?

ISABEL: Minha Nossa Senhora!

90. P.A. de AF, Helena e Isabel entrando no quarto (Pan e Trav.).
Antônio Francisco nada diz, limitando-se a olhar a mãe e Helena com os olhos cheios de sofrimento, enquanto Maurício, Januário e Agostinho, parados à porta, observam, compungidos, o que se passa.
91. Em novo enquadramento, câmera mostra Helena e a mãe que ajudam AF a estender-se na cama.
Depois Helena volta-se para os auxiliares de AF e lhes fala:

HELENA: Podem sair. Eu cuido dele agora.

Januário, Agostinho e Maurício se afastam. Logo em seguida também Helena deixa o quarto.

Câmera corrige o enquadramento e vai focalizar AF deitado e Isabel que acaricia o rosto do filho, sem nada dizer.

92. P.A. do quarto, com a cama, AF e Isabel mais para a esquerda e, ao fundo, a porta pela qual Helena volta com um pano molhado, com o qual enxuga o rosto de AF, profundamente prostrado, a dor abrindo-lhe sulcos no rosto pálido.

AF fecha os olhos e diz, debilmente:

ANTÔNIO FRANCISCO: Me deixem descansar...É só o que eu quero...

SOM – Música dramática se ouve em toda a seqüência.

SEQÜÊNCIA 22

EXTERIOR E INTERIOR – LOCAIS DIVERSOS DE VILA RICA

93. Série de planos para captar as reações de diferentes pessoas diante da notícia do mal que atacara o grande escultor, a saber:

- Populares diante da casa do artista, tecendo comentários em voz baixa e fitando a residência do escultor;

- Duas beatas sussurrando no interior de uma igreja:

BEATA 1 - Ouvi falar, Antônio Francisco não está conseguindo mexer os dedos.

BEATA 2: Meu Deus, logo ele, que faz imagens tão bonitas? O que vai acontecer agora?

- Interior de um botequim. Dois homens tomam cachaça e comentam:

POPULAR 1: Soube do Antônio Francisco? Coitado. Dizem que é doença braba, apanhada no bordel.

POPULAR 2: É... pode ser. Ele freqüentava muito casa de putas.

INTERIOR - SALA DE UMA RESIDÊNCIA BURGUESA - DIA

94. Dois homens de idade, ambos médicos, estão sentados num sofá de palhinha, cercados por duas ou três pessoas de ambos os sexos, todos bem vestidos.

Eles comentam:

MÉDICO 1: Muito estranho, doutor Raimundo. Os sintomas da doença de Antônio Francisco não se assemelham a nada que se conheça.

MÉDICO 2: Segundo as más línguas, ele abusava da cardina, uma beberagem preparada à base de coração de servo macerado.

MÉDICO 1: Na minha opinião, a sífilis o atacou.

MÉDICO 2: Não acredito. Acho que aquilo é zamparina. Essa epidemia já grassou na região, anos atrás. Ela provoca deformidades e paralisia. Provavelmente, no infeliz, o humor gálico se complicou com o escorbútico.

INTERIOR - CASA DE CLÁUDIO MANOEL - NOITE

95. Na sala da biblioteca, conversam Cláudio Manoel da Costa, Tomaz Antônio Gonzaga e dona Teresa Alvarenga, sentados em elegantes cadeiras de palhinha. O assunto ainda é a doença de Antônio Francisco Lisboa:

CLÁUDIO MANOEL: Ficou sabendo, Gonzaga, da doença do mestre Antônio Francisco? Coisa muito esquisita.

96. P.P. de Tomaz Antônio Gonzaga, respondendo:

TOMAZ ANTÔNIO GONZAGA: Soube sim. É lamentável. Qual teria sido a causa?

CLÁUDIO MANOEL: Há muita divergência. Falam em encefalite letárgica, febre de caráter maligno, capaz de provocar

paralisia e horríveis deformidades. Muitos já se referirem à zamparina, escorbuto, febre tifóide, terçã maligna.

97. P.M. da sala e dos três amigos, enfatizando-se dona Teresa Alvarenga que comenta, penalizada:

DONA TERESA ALVARENGA: Vou mandar celebrar uma missa pela recuperação dele.

CLÁUDIO MANOEL: O que me preocupa, mãe, é a possibilidade de não poder mais trabalhar. Pensou nisso?

SOM - Sobe música dramática, depois substituída por música religiosa (talvez solo de cravo).

FADE-IN - FADE-OUT

SEQÜÊNCIA 23

INTERIOR - CASA DE JOANA LOPES - DIA

98. Novamente instalada na sala da casa de Joana Lopes, câmara enquadra Rodrigo Bretas em P.A. Está só. Mas, logo em seguida, chega Joana Lopes da cozinha, trazendo uma bandeja com café e comestíveis, dizendo:

JOANA LOPES: Fiz um café quentinho. E brevidades. O senhor gosta?

BRETAS: Estou dando trabalho, dona Joana.

JOANA LOPES: Que nada, siô Bretas. Merece muito mais. Estou feliz com a consideração do senhor pelo meu sogro.

Bretas apanha o cuité, bebe um gole e come uma brevidade. Depois comenta:

BRETAS: Só em Minas fazem brevidades tão deliciosas!

Bebe outro gole, come outra brevidade e depois pondera para a parteira que o encara com visível simpatia:

BRETAS: Fico imaginando, dona Joana, o sofrimento de mestre Antônio. E, coisa que me impressiona muito, mesmo com a doença, com os dedos atrofiados, não parou de trabalhar. E fez, depois disso, as suas obras mais importantes.

EXTERIOR - ADRO DA IGREJA DE SÃO MIGUEL E ALMAS - DIA

99. P.G. do adro da igreja de São Miguel e Almas, no instante em que chega Antônio Francisco Lisboa, montado num burrinho puxado por Januário, ouvindo-se, em off, a voz de Joana Lopes explicando a Bretas, com imagens ao vivo, fixadas pela câmera em planos de cobertura:

JOANA LOPES (voz off): Nunca parou, a não ser quando caía de cama. Inventou umas joelheiras, que um auxiliar enfiava pelos pés. Assim, dava jeito de se deslocar.

100. Antônio Francisco, demonstrando bastante agilidade, caminha sobre as joelheiras de couro e sobe até o alto do andaime, seguido por Maurício que apanha os ferros e os amarra nas duas mãos com os dedos atrofiados do escultor.

O Aleijadinho começa então a trabalhar na portada.

SOM - Música pungente.

101. P.M. de um grupo de curiosos que, ao verem no alto do andaime o já famoso escultor, param diante do templo para apreciar o trabalho.

102. Câmera, em grua, sobe e vai enquadrar Antônio Francisco em P.P., voltando-se para os curiosos, dizendo, zangado:

ANTÔNIO FRANCISCO: Não têm o que fazer?!
Vamos, sumam daqui! Deixem de vagabundagem!

103. Do alto, em "contre-plongée", câmera enquadra os curiosos que se dispersam meio constrangidos.

INTERIOR - ATELIER DO ALEIJADINHO - DIA

104. Câmera, agora no interior do atelier do Aleijadinho, focaliza nosso personagem se preparando para trabalhar na talha de uma de suas mais belas esculturas.

A objetiva fixará Agostinho e Januário amarrando ataduras de couro e instrumentos de trabalho nas mãos do escultor, ouvindo-se novamente a voz off de Joana Lopes dizendo a Bretas:

BRETAS (voz off): E para esculpir, dona Joana, como fazia?

JOANA LOPES (voz off): Trabalhava com os instrumentos amarrados nas mãos, doutor Bretas. Deus ajudou, ele podia mover os polegares e os indicadores, o que facilitava um pouco.

105. Câmera, no interior do atelier do Aleijadinho, focaliza o grande artista trabalhando uma das mais belas imagens esculpidas em madeira. E detalha os dedos e os instrumentos de trabalho completando a obra.

SOM - Música expressiva com acordes dramáticos.

EXTERIOR - RUA DA CASA DE ANTÔNIO FRANCISCO - NOITE

105A. P.G. e Pan para mostrar um bangüê (espécie de padiola de conduzir doente e também para transportar material de construção, adaptado com cobertura de couro para conduzir o nosso artista da casa para o trabalho, e vice-versa), chegando diante da residência de AF.

Januário e Agostinho, que carregam o veículo de transporte improvisado, depositam o bangüê no chão e levam seu mestre até a soleira da porta, logo aberta por Isabel, mãe de AF.

O Aleijadinho entra na casa arrastando-se pelas joelheiras, já com bastante agilidade.

SOM - Música de cravo, ou órgão.

F U S Ã O

SEQÜÊNCIA 24

EXTERIOR - RUA DA CASA DO ALEIJADINHO - MADRUGADA

106. P.G. da rua com a casa do Aleijadinho ao amanhecer.

Vindo do fundo surgem Januário e Maurício, o segundo puxando o burrinho usado para transportar o artista.

Jauário bate na porta da casa de seu mestre.

SOM - Batidas na porta. Galos cantando.

107. P.A. de Antônio Francisco que aparece com um chapelão preto na cabeça, que praticamente lhe oculta o rosto já bastante desfigurado, e um grosso casaco, que lhe cai até os pés.

O Aleijadinho é colocado pelos ajudantes sobre o animal, paciente-mente à espera (Plano Médio para enquadrar os três personagens).

EXTERIOR - RUAS E LADEIRAS DE VILA RICA - AMANHECER

108. Câmera, em veículo ou Trav.-Atrás, focaliza o Aleijadinho montado no burrinho, puxado por Maurício, a caminho do trabalho, seguindo por uma viela e outras ruas e ladeiras de Vila Rica (talvez filmar em Lavras Novas).

SOM - Ruído do burrinho na rua.

109. P.P. do Aleijadinho montado no burrinho, deixando mostrar parte do rosto que a doença deformou.

Continua a ouvir-se, misturado ao trotar do animal, a voz off de Joana Lopes:

JOANA LOPES (voz off) : Ficou com aspecto muito feio, as pálpebras inflamadas, perdeu muitos dentes e a boca entortou. Ai, doutor Bretas, o sofrimento dele foi muito grande!

EXTERIOR - ESTRADINHA CARROÇÁVEL - AMANHECER

110. G.P.G. de uma estradinha vicinal, de terra, vendo-se ao fundo as montanhas incendiadas pelo sol, uma enorme bola de fogo que dissipa as sombras da noite.

SOM - Música poderosa e expressiva.

111. Corte direto para P.M. de uma carroça puxada por um cavalo baio. O veículo possui uma capota improvisada de couro.

112. P.P. e Trav.-Lateral mostrando o interior do rústico veículo.

O Aleijadinho está sentado em um almofadão, tendo ao lado o fiel Agostinho. Na boléia Maurício e Januário.

Acompanhando, lateralmente, a carroça seguindo devagar pela estrada, câmera mostra Maurício, que conduz o veículo, chicoteando o animal e gritando:

MAURÍCIO: Eia, "carrapacho", vamo, diabo!

E passa a emitir sons característicos que obrigam os animais de transporte a andarem mais depressa.

SOM - Sons vocais em meio a ruídos da carroça. Música em bg.

113. Instalada agora no interior do rústico veículo, câmera enquadra em P.P. mestre Antônio Francisco Lisboa com a capa, o chapelão e, meio escondida na sombra, seu rosto desfigurado.

A certa altura, ele se volta para o Agostinho e pede:

ANTÔNIO FRANCISCO: A marmita, Agostinho. Por favor.

O ajudante apanha um embrulho ao lado e o passa ao mestre. O Aleijadinho tira uma colher do bolso do casacão e começa a comer.

SOM - Ruídos da carroça rodando na estrada.

FADE LENTO

SEQÜÊNCIA 25

INTERIOR - CASA DE ANTÔNIO FRANCISCO LISBOA - NOITE

114. Enquadra-se, na cozinha da casa de AF, em P.A., a mãe de Antônio Francisco, Isabel, lavando louça na cozinha. Tem o rosto triste e envelhecido.

Antônio Francisco chega à cozinha, aproxima-se da mãe, beija-lhe o rosto e fala:

ANTÔNIO FRANCISCO: Já disse, não tem que ficar o tempo todo na cozinha, mãe. Isso não é mais serviço para a senhora.

Câmera avança, em Trav., e vai enquadrar Isabel em P.P.

Isabel baixa os olhos, humilde, enquanto ouve Antônio Francisco, que prossegue em off:

ANTÔNIO FRANCISCO (voz off): A senhora deixou de ser escrava, ponha isto na cabeça. Foi alforriada, como eu. Deixa a Helena ajudar a senhora.

Câmera, em Trav.-Circular, afasta-se de Isabel e, no final do movimento, enquadra Isabel e Antônio Francisco em P.A.

Isabel nada responde, desviando o olhar do filho, que ainda lhe diz:

ANTÔNIO FRANCISCO: Tem mais, mãe. Quando chega um branco para conversar comigo, a senhora vem se esconder aqui na cozinha. A senhora é minha mãe, não tem por que se envergonhar. É preta? Eu também sou. E os brancos estão sempre aí precisando da gente.

Abraça e beija a mãe, e depois se retira, indo na direção de seu quarto.

SOM - Toques de sino, perto.

115. Transferindo-se para o interior do quarto, câmera enquadra Helena, em 3/4 de perfil, à direita, de calcinha e sutiã, sentada na beira da cama, ajeitando os cabelos.

Ao fundo, à esquerda, em "raccord" de movimento, Antônio Francisco, sempre caminhando de joelheira, surge, abre a porta e avança na direção de Helena.

Vendo-o chegar, Helena levanta-se e, seguida pela câmera em Pan-D-E, afasta-se e começa a vestir uma roupa depositada na cadeira.

116. Vendo-a seminua, Antônio Francisco se excita e caminha na direção da mulher. Alcançando-a, tenta abraçá-la com certa impetuosidade

Helena se assusta com o gesto meio desajeitado de AF e não esconde uma expressão de repulsa. Tapa a boca e olha-o por alguns instantes, indecisa entre se deixar abraçar, ou dele se desvencilhar. E, em gesto instintivo, recua dois passos.

117. Campo: Helena, à direita, em 3/4 de perfil, em P.P., e, à esquerda, de frente, a figura patética de Antônio Francisco, compreendendo tudo, os olhos exprimindo profunda tristeza.

118. Contra-campo: Antônio Francisco, à esquerda, em 3/4 de perfil, com Helena à direita, de frente, ainda com a mão tapando a boca, os olhos espantados, como se tivesse visto um fantasma.

Estão mudos, Helena exprimindo medo e repulsa, AF desalento e tristeza.

SOM - Só se ouve, vindo de fora,
o bater de um velho sino de igreja.

119. Em novo enquadramento, câmera focaliza AF e Helena, um frente ao outro, ambos de perfil.

Subitamente, profundamente deprimido, Antônio Francisco dá meia-volta e deixa o quarto, enquanto Helena se joga na cama, soluçando.

F U S ã O

120. Ainda na casa de Antônio Francisco, câmera enquadra em P.G. o mesmo quarto, horas depois.

Uma lamparina com luz fraca de querosene, está ainda acesa numa mesinha próxima.

Antônio Francisco está deitado e puxa as cobertas até o peito. Tem as mãos escondidas.

Helena entra no aposento, já vestida, pronta para sair. E lhe fala:

HELENA: Antônio Francisco, mamãe não está passando bem e me pediu pra dormir com ela esta noite. O Manoelzinho está no quarto de dona Isabel, que vai cuidar dele esta noite.

121. Em contra-campo, câmera, ligeiramente em "contre-plongée", enquadra Antônio Francisco, a cabeça recostada em um travesseiro grosso, à esquerda do quadro, olhando em silêncio Helena, posicionada de frente, em P.A., e que ainda lhe fala:

HELENA: O leite e o café estão prontos. Fiz pãozinho de queijo, que ocê tanto gosta. Boa noite.

E sai, fechando cuidadosamente a porta.

SOM - Passos de Helena, afastando-se.

122. Depois de fixar Antônio Francisco, sempre deitado, em P.A., câmera inicia lento Trav.-Avante até enquadrá-lo em P.P.P., os olhos abertos, marcados pelo sofrimento e a tristeza.

SOM - Música triste e expressiva.

FUSÃO LENTA

SEQÜÊNCIA 26

RUA DA CASA DE ANTÔNIO FRANCISCO - TARDE

123. P.G. da rua da casa de Antônio Francisco.

Por ela vem vindo, a cavalo, em trote acelerado, o ajudante de ordens do Governador, tenente José Romão, vestindo a farda de oficial dos Dragões.

O militar, com agilidade, desmonta, amarra o cabresto do animal no galho de uma árvore e vai bater à porta da casa do Aleijadinho.

SOM - Galope de cavalo e bater na porta.

124. Depois de alguns instantes, a porta se abre, deixando ver a mulher de Antônio Francisco, Helena, bastante à vontade em seu traje doméstico, deixando ver as formas e, inclusive, o decote de uma bela mulher.

Câmera documenta o encontro dos dois, enfatizando a imediata e recíproca atração que, pelo olhar, um tem pelo outro.

O primeiro a falar é o militar, com autoridade mas, indisfarçavelmente, com interesse na voz:

JOSÉ ROMÃO: Boa tarde, dona...

HELENA: Helena. O que o senhor deseja?...

JOSÉ ROMÃO: Reside aqui o senhor Antônio Francisco Lisboa?

125. Em novo enquadramento, câmera valoriza Helena, deixando o militar em 3/4 de perfil:

HELENA: Reside. Mas não sozinho.

JOSÉ ROMÃO: Ah, pois não, pois não. A senhora também reside, não é mesmo?

HELENA: Eu, minha sogra e meu marido.

E continua, após pequena pausa:

HELENA: E posso saber o que o senhor deseja?

126. P.P. do tenente José Romão, que, batendo continência, só então se apresenta:

JOSÉ ROMÃO: Sou o tenente José Romão, ajudante de ordens de Sua Excelência o Senhor Governador-Geral, capitão-general D. Luís da Cunha Meneses.

127. P.A. de Helena e de José Romão. Helena mostra-se e, de certa forma, impressionada com a continência e a imponência militar do recém-chegado, a quem diz, ainda de forma cerimoniosa:

HELENA: O senhor Antônio Francisco Lisboa não se encontra em casa. Está trabalhando, e só volta à noite. O senhor não quer entrar?

JOSÉ ROMÃO: Com muito prazer, dona Helena, com muito prazer!

INTERIOR - CASA DE ANTÔNIO FRANCISCO - TARDE

128. Já no interior da casa, câmera focaliza José Romão que, retirando o quépi da cabeça, entra na sala da residência de Antônio Francisco, ouvindo Helena dizer, amistosamente:

HELENA: Não quer se sentar, senhor tenente? Acabei de fazer café. Talvez aceite uma xícara?

Romão vai sentar-se, colocando o quépi no sofá de palhinha. E responde, com falsa galanteria:

JOSÉ ROMÃO: Não posso recusar tanta amabilidade. Aceito sim, com prazer! O café na colônia é delicioso!

Helena vai à cozinha e, pouco depois, retorna com a xicrinha, ou cuité, de café, que estende ao militar, dizendo com certa brejeirice:

HELENA: Aqui tudo é delicioso, senhor tenente José Romão. Não acha?

JOSÉ ROMÃO: Sem dúvida, perfeitamente, tudo é delicioso, sem a menor dúvida!...

Lança-lhe um olhar de preparada sedução e completa, devassando-lhe o corpo formoso, e completa:

JOSÉ ROMÃO: Delicioso e formoso...

Toma o café, devolve-lhe a xícara, e só então explica o motivo da visita:

JOSÉ ROMÃO: Além do enorme prazer que tive em conhecer rapariga tão linda, vim trazer ao senhor Antônio Francisco Lisboa convite do senhor Governador- Geral, para comparecer a Palácio, amanhã mesmo, se possível. O senhor Governador-Geral deseja fazer uma encomenda a seu marido.

Dizendo isto, João Romão se levanta, apanha o quépi, que coloca na cabeça, aproxima-se de Helena e se despede, com nova e elegante continência:

JOSÉ ROMÃO: Agora devo partir. Como ajudante de ordens do senhor Governador-Geral, tenho afazeres importantes a cumprir.

Aperta a mão de Helena e, antes de sair, baixa o tom de voz e lhe diz:

JOSÉ ROMÃO: Teria um enorme prazer em revê-la, Helena...

Helena, com a mão ainda presa pelo militar, responde, promissora:

HELENA: Quem sabe, senhor tenente... Um dia, talvez...

Depois, já livre do aperto de mão insinuante do militar, Helena vai abrir-lhe a porta. Romão sai.

EXTERIOR - CASA DE ANTÔNIO FRANCISCO - TARDE

129. P.M. da casa, com Helena na soleira da porta.

O tenente aproxima-se do cavalo, desamarra o cabresto da árvore e, com um salto ágil, monta no animal e, antes de esporeá-lo, volta-se para Helena e, com nova continência, ainda diz:

JOSÉ ROMÃO: Até breve, Helena...

Bate a espora no cavalo e sai a galope pela rua empedrada.

FADE-IN - FADE-OUT

SEQÜÊNCIA 27

EXTERIOR - PALÁCIO DO GOVERNADOR - DIA

130. Instalada na escada de acesso à porta principal do Paço dos Governadores, *(A SEQÜÊNCIA DEVERÁ SER FILMADA NO MUSEU DA INCON-*

FIDÊNCIA), câmera enquadra em P.M., do alto da grua, a chegada do bangüê carregado por Agostinho e Januário, tendo o Aleijadinho no seu interior.

Eles sobem a escadaria, enquanto a grua, recuando nos trilhos do "travelling", focaliza o bangüê, trazido por Agostinho e Januário, que alcança o alto da escadaria e, pela porta principal, chega ao saguão de entrada do Paço.

EXTERIOR - SAGUÃO DE ENTRADA DO PAÇO DOS GOVERNADORES - DIA

131. Antônio Francisco e seus ajudantes atravessam o saguão interno do Paço dos Governadores e chegam ao gabinete do Governador Luís da Cunha Meneses.

INTERIOR - GABINETE DO GOVERNADOR D. LUÍS - DIA

132. No interior do gabinete do Governador-Geral, Januário e Agostinho retiram Antônio Francisco do bangüê.

Caminhando amparado pelos ajudantes, o Aleijadinho aproxima-se do Governador, passando, num canto, pelo ajudante de ordens, tenente José Romão, que lhe dirige um sorriso irônico e, assim que ele se afasta, faz em voz baixa um comentário, ouvido, no entanto, pelo Aleijadinho:

JOSÉ ROMÃO: Feio homem! Feio homem!

O Governador vem do fundo e vai ao encontro de AF, dizendo com voz falsamente amistosa, mas que não esconde a antipática empáfia que o tornou famoso na Capitania.

D.LUÍS: Mestre Antônio! Como tem passado?

ANTÔNIO FRANCISCO (secamente): Como Deus manda. Trabalhando sempre.

133. Câmera, em Trav-Avante, vai enquadrar o Governador e o Aleijadinho em P.A., ambos de pé.

O Governador caminha alguns passos pelo gabinete, seguido, com os olhos, pelo Aleijadinho, que o escuta dizer:

D. LUÍS: O senhor está aqui para combinarmos a respeito de uma imagem de São Jorge. Será para a procissão de Corpus Christi. Quero uma escultura grande, de

tamanho natural e articulada no joelho, para desfilar a cavalo.

Volta-se para João Romão, que está perto, e completa:

D. LUÍS: Do tamanho do José Romão, por exemplo, seria uma boa medida. Estou disposto a pagar-lhe três onças de ouro.

134. P.P. do Governador e Aleijadinho.

D. Luís chega mais perto do Aleijadinho e o adverte autoritariamente:

D. LUÍS: Mas a obra tem que ficar pronta para a procissão, mestre Antônio. Sem falta!

Aponta-lhe o dedo e pergunta com arrogância:

D. LUÍS: Estamos acertados?

Antônio Francisco, por sua vez, encara-o com firmeza e responde:

ANTÔNIO FRANCISCO: Estamos acertados, Governador. E, quando acerto, costume cumprir a palavra!

Depois, arrastando as pernas, caminha até a porta de saída do gabinete, passando outra vez por um José Romão desdenhoso, para o qual Antônio Francisco lança um olhar penetrante, como se quisesse fixar-lhe as feições na memória.

135. P.P. de Antônio Francisco, olhando demoradamente o arrogante ajudante de ordens do Governador.

136. P.P. de José Romão, fitando o artista com olhar irônico.

INTERIOR - CASA DE JOANA LOPES - DIA

137. Novamente no interior da sala da casa de Joana Lopes, enquadram-se o professor Bretas e a parteira Joana Lopes, um diante do outro.

E é Joana Jopes quem fala, em tom de voz divertido:

JOANA LOPES: Quando a procissão saiu, os moradores de Vila Rica caíram em gargalhadas, vendo na estátua de São Jorge a cavalo, o rosto espantado do José Romão.

SOM - Risos e gargalhadas
em off.

JOANA LOPES: E até inventaram uns versinhos:

*"O São Jorge que ali vai,
Com ares de santarrão,
Não é São Jorge nem nada,
É o tenente Zé Romão!"*

Bretas dá também uma gargalhada e comenta:

BRETAS: Então, dona Joana, mestre Antônio estava vingado, heim?

JOANA LOPES: Vingado! E muito bem vingado!

INTERIOR - MUSEU DA INCONFIDÊNCIA - DIA

138. Na Sala do Aleijadinho, no Museu da Inconfidência, em Ouro Preto atual, câmara enquadra a estátua de São Jorge, aproximando-se em Trav.-Avante até detalhar o rosto da famosa obra.

CORTA DIRETO PARA

INTERIOR - GABINETE DO GOVERNADOR - DIA

139. P.P. do rosto do tenente José Romão. Muito sério, em posição de sentido, o ajudante de ordens do Governador, ouve calado a raivosa reprimenda de D. Luís da Cunha Meneses:

D.LUÍS: Viste no que deu tua rixa com o pobre aleijado?! Vila Rica inteira a rir do tenente! Aqui não podes mais continuar!

140. Campo: D. Luís à esquerda do quadro, em 3/4 de perfil, com José Romão, de frente, à direita.

Pálido e intimidado, Romão escuta a catilinária do Governador, que prossegue:

D. LUÍS: Serás transferido. Para bem longe de mim e do meu governo!

141. Contra-campo: O Governador à esquerda do quadro, de frente, com o tenente José Romão à direita, em 3/4 de perfil.

D. Bernardo encerra a bronca, rispidamente:

D. LUÍS: É só! Podes te retirar!

FADE-IN - FADE-OUT

SEQÜÊNCIA 28

EXTERIOR - CASA NA CERCANIA DE VILA RICA - NOITE

142. Instalada em grua, câmara focaliza, em P.G., uma ruela afastada. A noite é escura, mas deixa ver, ao fundo, banhada pela luz fraca do lampião, um vulto de mulher, caminhando com precaução, na direção de uma pequena casa isolada.

143. Grua desce lentamente e focaliza Helena, em P.A., aproximando-se da casa isolada.

Bate na porta e espera alguns instantes, até que ela se abre.

144. P.P. de Helena, de perfil, diante da porta que, em "raccord" de movimento, se abre, deixando ver, de camisa aberta, o ajudante de ordem do Governador, tenente José Romão, que lhe diz:

JOSÉ ROMÃO: Entre, Helena...

INTERIOR - CASA NA CERCANIA DE VILA RICA - NOITE

145. No interior humilde da casa, Romão tenta abraçar a companheira de Antônio Francisco Lisboa.

Helena reluta, mas acaba se deixando enlaçar pelo tenente lusitano. E se beijam, meio aflitivamente.

José Romão toma-a nos braços e a carrega até uma cama típica de viúvo, comum no interior de Minas. E começa a despi-la, enquanto diz, abraçado de desejo:

JOSÉ ROMÃO: Sabes que te quero muito, cabrocha linda?

CORTA PARA

INTERIOR - QUARTO DA CASA DE ANTÔNIO FRANCISCO - NOITE

146. Antônio Francisco Lisboa é agora enquadrado em P.A. em sua cama larga, os olhos empapuçados, bem abertos, voltados para a porta de entrada do quarto.

Pela janela a claridade de um lampião de rua clareia fracamente o interior do cômodo.

INTERIOR - CASA NA CERCANIA DE VILA RICA - NOITE

147. De volta ao interior da casa na cercania de Vila Rica, câmera enquadra Helena e José Romão, recobertos por um lençol, abraçados na cama de viúvo.

E conversam:

JOSÉ ROMÃO: Tudo acertado, Helena. Não haverá o que temer. Tudo correrá bem. O sargento e o cocheiro da caleça foram avisados. Apanharás a condução na curva do Calombo. Antes das sete da manhã. Vais conhecer o Rio de Janeiro e suas belas praias. Belos passeios, cidade linda, vais ver!

HELENA: Mais bonita do que Vila Rica?

JOSÉ ROMÃO: Muito mais!

148. Em lento Trav-Avante, câmera vai enquadrar os dois amantes em P.P. Helena então comenta:

HELENA: Coitado do Antônio. Sinto muita pena dele.

É loucura o que estou fazendo, mas não vejo outra maneira.

JOSÉ ROMÃO: Ainda pensas duas vezes? Viver com aquele horror, Helena?

HELENA: Aquela doença... Coitado, ficou horrível! Até estar ao lado dele passou a ser difícil.

João Romão se volta para Helena, beija-a na boca e depois lhe fala:

JOSÉ ROMÃO: E eu? Tens medo de mim? Sou como ele?...

HELENA: O tenente José Romão até que não é mal-apanhado! Tem uma boca gostosa...

JOSÉ ROMÃO: Só a boca?...

HELENA: O resto também.

José Romão retira a colcha que os recobre. Depois, os dois inteiramente nus, sobe no corpo da mestiça, beija-lhe com força os lábios carnudos, enquanto ela, com as mãos, o aperta violentamente contra si.

F U S ã O

SEQÜÊNCIA 29

INTERIOR - NAVE CENTRAL DA IGREJA DE SÃO FRANCISCO DE ASSIS - DIA

149. Tomadas seletivas do interior da igreja de São Francisco de Assis, mostrando detalhes das pinturas de Manoel da Costa Ataíde, que é visto, em um canto, retocando algumas delas, enquanto, pouco adiante, o Aleijadinho trabalha na talha de um dos altares laterais.

Câmera faz panorâmica e focaliza o Governador-Geral, D. Luís da Cunha Meneses, ao dar entrada na igreja, com pequena comitiva do governo. D. Luís se aproxima de Antônio Francisco que, sem ao menos dirigir-lhe o olhar, mas percebendo-lhe a presença, continua o trabalho e, inesperada-

mente, começa a golpear com força a pedra-sabão que esculpe, lançando lascas no arrogante Governador que, nada gostando do comportamento do artista, exclama indignado para os acompanhantes:

D. LUÍS: Tipo desabusado! Vamos, vamos embora!

O grupo se afasta, enquanto Manoel da Costa Ataíde aproxima-se do Aleijadinho, rindo, divertido com o incidente:

ATAÍDE: Fizeste bem, Antônio Francisco! Enxotaste da igreja este Fanfarrão arrogante!

ANTÔNIO FRANCISCO: Detesto este tipo de gente que vem aqui se divertir, como fosse um circo!

150. Câmera, instalada em grua, sobe e vai enquadrar, em posição especial de "contre-plongée", as pinturas de Ataíde na abóbada da igreja, enquanto Antônio Francisco e o pintor continuam a conversa, em voz off:

ANTÔNIO FRANCISCO (voz off): Cada vez mais bonita a pintura, Ataíde. Esse teto vai chamar a atenção. Você está conseguindo um resultado que supera tudo o que já fez. E vejo que continua firme no seu estilo de tratar as figuras como metiços.

151. Câmera faz lenta panorâmica e detalha as magníficas pinturas de Ataíde, cuja voz off se ouve na trilha sonora:

ATAÍDE (voz off): Vou estar provocando o falatório de sempre. Agora, mais ainda, pelo tamanho da pintura. É como estivesse reunindo meus mulatos em praça pública.

152. Em posição normal, câmera focaliza Antônio Francisco Lisboa e Manoel da Costa Ataíde em P.P., vendo-se, ao fundo, parte da nave da igreja.

ANTÔNIO FRANCISCO: É, os preconceituosos que tratam de compreender melhor o mundo. Virgem Maria, a Mãe de Deus, não é também mãe dos negros e dos mestiços? Por que não pode ser pintada como mestiça?

F U S Ã O

SEQÜÊNCIA 30

INTERIOR - CASA DE ANTÔNIO FRANCISCO - NOITE

152. Antônio Francisco entra em sua casa às escuras, com as botas de cano alto, e que lhe permitem caminhar, embora com grande dificuldade.

Enquanto anda, o operador de câmera o segue com a steadycam, ouvindo-se AF chamar:

ANTÔNIO FRANCISCO: Helena, Helena!

SOM - Música pressagiosa.

Chegando ao quarto de dormir, sempre seguido pelo steadycam, AF vai ao berço do filho, naturalmente vazio.

Ouve um ruído e se volta para a porta, avistando sua mãe, Isabel, que o fita com profundo pesar, sem nada dizer.

Antônio Francisco, compreende tudo e indaga:

ANTÔNIO FRANCISCO: Foi embora, mãe? Levou o Manuelzinho?

ISABEL: Aquela diaba levou o menino pra casa da mãe.

SOM - Música com acentos muito tristes.

153. P.P. de Antônio Francisco, atônito e imóvel por alguns instantes. Depois, seguido pela câmera em Pan-E-D, caminha alguns passos e vai sentar-se, com dificuldade, na velha cadeira de balanço austriaca.

Sobre uma mesinha, ao lado, uma grande Bíblia fechada, alguns esboços de desenho e croquis.

AF acende o lampião, utilizando uma caixa de fósforos de época.

154. Em vez do quarto na obscuridade, agora se vê, em P.M., o cômodo iluminado pela luz do dia.

Antônio Francisco volta o olhar para uma cadeira de palhinha, onde Helena costumava sentar-se para ouvir o companheiro.

155. Através de EFEITO ESPECIAL fotográfico, câmera mostra, em P.A., a figura difusa, meio distorcida, de Helena, vestida com a camisola de dormir, sentada na cadeira de palhinha, fitando-o sorridente.

SOM - Na trilha sonora sobe música triste em seus acordes finais.

Logo em seguida, a imagem se desvanece, voltando AF a enxergar a cadeira vazia.

FADE LENTO

SEQÜÊNCIA 31

INTERIOR - BIBLIOTECA DE CLÁUDIO MANOEL - NOITE

156. Enquadra-se, em P.G., a rica biblioteca de Cláudio Manoel da Costa, vendo-se, em um canto, Antônio Francisco Lisboa lendo um grosso volume de arte renascentista e barroca. Sobre a mesa um lampião ilumina AF e parte da sala. É noite alta.

SOM - O silêncio na biblioteca só é quebrado por ruídos ambientais, como grilos, passos de gente caminhando na rua, etc.

Câmera inicia lento Trav.-Avante até enquadrar, de frente, em P.P., nosso personagem, concentrado na leitura.

Depois, através de Trav.-Circular, vai enquadrar AF ligeiramente de perfil, à esquerda do quadro, vendo-se sobre a mesa o grosso volume que lê.

SOM - Nesse ponto, a atenção de AF é despertada pelos passos de alguém que chega e bate à porta de entrada da casa de Cláudio Manoel (ruídos em off).

157. P.P. de Antônio Francisco, atento ao ruído de alguém chegando.

SOM - Batidas na porta, em off. Logo depois ouvem-se passos na sala ao lado e porta se abrindo. Alguém entra.

Antônio Francisco volta a concentrar-se no estudo.

Instantes depois, no entanto, voltam a repetir-se os ruídos de alguém que caminha na rua, bate à porta, uma, duas vezes, e é recebido na sala contígua à biblioteca, cuja porta se encontra ligeiramente entreaberta, facilitando a Antônio Francisco ouvir o que nela se passa.

SOM - Os mesmos ruídos se repetem.

158. Em novo enquadramento, Antônio Francisco tenta se concentrar na leitura, mas sua atenção é de novo despertada pelos ruídos que lhe chegam do cômodo vizinho.

Agora ele distingue a voz de Cláudio Manoel da Costa, dizendo ao recém-chegado:

CLÁUDIO MANOEL (voz off): Boa noite, Gonzaga. Sempre o mais pontual. Os outros estão vindo?

TOMAZ ANTÔNIO GONZAGA (voz off): Estão todos convocados. O Alferes, Maciel, Alvarenga, Freire de Andrade, Silvério.

EXTERIOR - RUA DA CASA DE CLÁUDIO MANOEL - NOITE

159. P.G. da rua em declive da residência de Cláudio Manoel da Costa. Por ela vem descendo, enquadrado de costas, um vulto com chapéu e traje de época.

Caminha apressadamente, envolto em sombras, na rua fracamente iluminada pelos lampiões, e pára diante da porta da casa de Cláudio Manoel. Olha para os lados e, certificando-se de que não é visto, bate à porta, que logo é aberta. E entra.

SOM - Passos no calçamento de pedras. Depois batidas à porta, que se abre e fecha.

INTERIOR - BIBLIOTECA - CASA DE CLÁUDIO MANOEL - NOITE

160. De novo na biblioteca de Cláudio Manoel, câmera focaliza Antônio Francisco à mesa de estudo, concentrado na leitura do livro de arte.

Percebe-se, no entanto, que está intranquilo, desviando de novo a atenção para o que se passa na sala ao lado, ouvindo pessoas que chegam e conversam (voz off, naturalmente):

CLÁUDIO MANOEL (voz off): Acho que o Maciel traz notícias importantes.

JOSÉ ÁLVARES MACIEL (voz off): Barbacena chegou para tomar posse no governo, trazendo as "Instruções do ministro Melo e Castro. As ordens são para a cobrança do "quinto" via "derrama". Segundo me disse-

ram, as intimações já começaram. Com Barbacena é preciso cuidado. É ardiloso e perigoso. O Alferes Xavier sempre diz que a "derrama" é a arma mais poderosa que temos.

TIRADENTES (voz off): A oportunidade é essa: a "derrama". Com sua decretação, será possível levantar o povo. Haverá revolta de todos. Dos mineradores, dos devedores do Fisco. Já imaginaram as autoridades chegando para tomar o patrimônio de quem nem de longe se acha envolvido com a extração do ouro? (Pequena pausa). Então, Alvarenga, não é também sua opinião?

ALVARENGA PEIXOTO (voz off): Sem dúvida. A "derrama" é o sinal para o levante. E já é o assunto de todas as conversas. Ricos e pobres, devedores e contratantes estão em pânico. Temos é que saber nos organizar, não perder a oportunidade. Precisa ser ação rápida, bem coordenada. E para isso contamos muito com a ação do tenente-coronel Freire de Andrade.

FREIRE DE ANDRADE (voz off): Precisamos mobilizar o maior número de pessoas. O trabalho para conseguir adesões não pode parar. Revoltado o povo, caberá a mim a ação. Chegarei à frente dos Dragões, com o pretexto de subjugar os amotinados. Mas minha tropa promoverá é a confraternização geral. (Pequena pausa): Fale-me das adesões, Alferes.

TIRADENTES (voz off): Muitos estão aderindo. Padre Rolim, coronel Domingos Vieira, Salvador Gurgel do Amaral. E estou firme no trabalho de propaganda para fazer crescer o movimento de adesões. Fico emocionado só de pensar. Vamos criar a nossa independência, implantar a República, criar escolas, universidades, fábricas, manufaturas. Os escravos serão libertados. Conversei muito, sobre isto, com Tomaz Gonzaga.

TOMAZ ANTÔNIO GONZAGA (voz off): A bandeira proposta pelo Alferes terá um triângulo representando a

Santíssima Trindade. O Alvarenga também fez uma bela sugestão.

ALVARENGA PEIXOTO (voz off): Há um verso de Virgílio que poderia ser inscrito nos lados do triângulo: "*Libertas Quae Sera Tamen*". Gostas da idéia, Cláudio?

CLÁUDIO MANOEL (voz off): Maravilhosa, Alvarenga! Só podia vir de outro poeta!

JOSÉ ÁLVARES MACIEL (voz off): Desculpe-me interromper, doutor Cláudio...

CLÁUDIO MANOEL (voz off): Não interrompes nunca, caro Maciel. Podes falar, mas sem incluir o "doutor" em meu nome...

JOSÉ ÁLVARES MACIEL (voz off): Está bem, Cláudio Manoel. O que desejo acrescentar é para que nãoi se esqueça a senha para a deflagração do levante: "*Hoje é dia do batizado*".

CLÁUDIO MANOEL (voz off): Fizeste bem em lembrar. Na verdade, Maciel, nós vamos mesmo é batizar nossa terra com a liberdade e o progresso!

F U S Ã O

161. P.G. do salão da biblioteca. Reina grande silêncio, só quebrado pelo ruído que Antônio Francisco faz ao virar a página de um livro. Além da luz fraca da lamparina, começa a entrar pela janela aberta a claridade do amanhecer.

Câmera inicia lento Trav-Avante, passando por AF, atento ao texto do livro e, depois, prosseguindo na direção da janela que se abre para a rua, mostrando as belas cores do amanhecer, dourando o casario de Vila Rica.

SOM - Ruídos do amanhecer. Passos e uma caleche rodando no calçamento da rua.

FADE-IN - FADE-OUT

SEQÜÊNCIA 32

INTERIOR - IGREJA DE SÃO FRANCISCO DE ASSIS - DIA

162. P.M. da sacristia da igreja de São Francisco de Assis, ainda em acabamento.

O Aleijadinho se prepara para reiniciar o trabalho no lavabo da igreja franciscana. Maurício e Agostinho estão acabando de amarrar o formão na mão esquerdo escultor, que comenta, após câmara, em Trav.-Avante, enquadrá-lo em P.P.

ANTÔNIO FRANCISCO: As dores voltaram. Mais fortes nos dedos dos pés. Está difícil de agüentar.

MAURÍCIO: Quál dos pés?

ANTÔNIO FRANCISCO: Os dois. É como se recebessem pancadas de marreta.

163. P.A. de Maurício, Agostinho e o Aleijadinho. Maurício fixa com as tiras de couro o formão na mão direita do artista.

164. DETALHE da amarração do instrumento de esculpir.

165. P.P. do Aleijadinho dando as primeiras pancadas da marreta no formão, arrancando lascas de pedra-sabão.

SOM - Ruídos dos instrumentos.

Nosso artista, embora sentindo fortes dores, tenta continuar o trabalho de esculpir na pedra.

Câmera aproxima-se dele, em Trav-Avante, até P.P.P., no instante em que seu rosto é percorrido por um ritus de fortíssima dor, levando-o a soltar profundo gemido, com seus lábios estremecendo.

SOM - Música dramática.

166. DETALHE da imagem esculpida de São Francisco de Assis

167. O que se verá, neste plano, é profundamente dramático e doloroso.

O Aleijadinho, enquadrado em P.A., com Agostinho em segundo plano, abaixa-se, solta o couro que recobre um dos pés, coloca o formão sobre um dos dedos e, diante da estupefação dos ajudantes, que nada podem fazer, aplica violenta pancada da marreta no formão.

SOM - Ausência de música e ruído de forte pancada de marreta no formão.

O dedo (artificial, naturalmente), voa longe, envolto em sangue.

168. P.P.P. do rosto do Aleijadinho: uma pungente máscara de atroz sofrimento.

169. P.A. de Maurício que, imediatamente, rasga sua camisa e, com o pedaço de pano ordinário, envolve o pé de seu mestre e amigo.

170. P.M. da sacristia.

Antônio Francisco aguarda um instante e recomeça a trabalhar. Os ajudantes o encaram com dó, mas voltam a seus afazeres, desbastando um bloco de pedra-sabão.

SOM - Ruídos dos instrumentos ferindo a pedra.

171. P.P. de Maurício, o ajudante mais amigo do Aleijadinho, trabalhando em silêncio.

De seu rosto, coberto de suor, escorrem lágrimas que vão molhar o bloco de pedra-sabão.

FADE-IN - FADE-OUT

SEQUÊNCIA 33

EXTERIOR - LARGO DE SÃO FRANCISCO - NOITE

172. Instalada na grua, em sua posição mais alta, próxima à igreja de São Francisco, câmera enquadra em P.G., parte do Largo de São Francisco de Assis. Poucas pessoas se encontram no logradouro.

Subitamente, descendo pela Rua Cláudio Manoel, surge uma tropa dos Dragões, a pé e bem municiada, em marcha acelerada.

Câmera faz panorâmica e vai focalizar outro pelotão dos Dragões, também com armas, passando, em marcha acelerada, diante da igreja e, mais adiante, descendo a Rua das Mercês.

SOM - Música dramática e ruídos de tropa se movimentando no local.

A grua, sobre trilhos, recua, sobe mais e vai enquadrar o medalhão da portada da Igreja de São Francisco, obra belíssima do Aleijadinho.

EXTERIOR - CASA DE ANTÔNIO FRANCISCO - NOITE

173. DETALHE da mão de Maurício batendo repetidas vezes na porta da casa de Antônio Francisco Lisboa.

SOM - Música dramática vai para bg. Sobem batidas na porta.

174. P.A. da porta que se abre, surgindo, meio espantado, o Aleijadinho, em traje de dormir, perguntando:

ANTÔNIO FRANCISCO: Batendo a esta hora? O que aconteceu, Maurício?

MAURÍCIO: Perdão, mestre Antônio, mas coisa séria está acontecendo na Vila. Prisões...

ANTÔNIO FRANCISCO: Prisões... Mas de quem? Entre, Maurício. Entre.

INTERIOR - CASA DE ANTÔNIO FRANCISCO - NOITE

Maurício entra e, seguido pelo Aleijadinho, chega à sala onde, de pé, bastante excitado e preocupado, dá os detalhes:

MAURÍCIO: Prenderam o desembargador Gonzaga, o coronel Freire de Andrade, Alvarenga Peixoto. Dizem que o Tiradentes foi preso no Rio e estão atrás do Padre Rolim, do Maciel e dos outros. Andavam conspirando contra Portugal.

ANTÔNIO FRANCISCO: E por quê este desfecho agora?

MAURÍCIO: Foram denunciados. Segundo escutei, o coronel Joaquim Silvério é que levou o caso ao governador, Visconde de Barbacena. E agora o pior, mestre Antônio. Seu amigo, o doutor Cláudio Manoel também caiu. Ficou preso em casa dele, mas depois foi levado por soldados à Casa do Real Contrato.

Antônio Francisco exprime grande surpresa e pesar com a prisão daquele que estima muito. E exclama:

ANTÔNIO FRANCISCO: Meu Deus! Também o doutor Cláudio Manoel?!

MAURÍCIO: Também ele, mestre Antônio!

ANTÔNIO FRANCISCO: Que desgraça! Que desgraça!

Os dois ficam instantes em silêncio. Depois o Aleijadinho se decide:

ANTÔNIO FRANCISCO: Amanhã, bem cedo, você vem com o Januário e o Agostinho e me levam à Casa do Contrato. Preciso ver o doutor Cláudio.

EXTERIOR - PORTAL DE ENTRADA DA CASA REAL - MANHÃ

175. Focaliza-se em P.M. o bangüê do Aleijadinho, carregado por Agostinho, Januário e Maurício, chegando diante da grande porta de entrada da Casa Real do Contrato das Entradas de Vila Rica (atual Casa dos Contos).

A porta está fechada. Januário bate nela, uma, duas, três vezes.

SOM - Batidas na porta.

Pouco depois ela se abre, surgindo um soldado da guarda, sujeito malencarado, que vai perguntando com má vontade:

GUARDA: O que que é?!

176, P.A., favorecendo Januário que se aproxima do guarda, e informa:

JANUÁRIO: Mestre Antônio Francisco Lisboa deseja visitar o doutor Cláudio Manoel da Costa.

177. P.P. do guarda, carrancudo, falando grosso:

GUARDA: Visitar preso?! É proibido! Não pode entrar! Se afastando daqui, vamos, todos!

Neste momento, vindo do interior da Casa Real, surge a figura imponente do ajudante de ordens do Governador, Antônio Xavier de Resende.

Câmera recua, em travelling, abrindo o quadro até P.M. vendo-se o Aleijadinho, que Maurício e Agostinho retiraram do bangüê, aproximando-se da porta. Avistando o ajudante de ordens, que ele conhece, AF esclarece:

ANTÔNIO FRANCISCO: Tenente Antônio Xavier, sou o Antônio Francisco Lisboa. Peço a vosmicê que me deixe visitar o meu amigo, doutor Cláudio Manoel da Costa.

O guarda, malcriadamente, ainda barrando a porta, repete:

GUARDA: É proibido!

O ajudante de ordens se aproxima mais e diz autoritariamente ao guarda, que bloqueia a porta de entrada:

TENENTE XAVIER: Um momento, Luiz! Afaste-se!

O tenente ultrapassa o limiar da grande porta de entrada e, aproximando-se do Aleijadinho, lhe fala com cordialidade:

TENENTE XAVIER: A entrada está proibida, mestre

Antônio. Vou abrir uma exceção porque é para o senhor. Pode entrar. Mas sozinho.

ANTÔNIO FRANCISCO: Não posso andar, tenente. Meus ajudantes teriam que me transportar.

TENENTE XAVIER: Está bem. Não pode é demorar.

CORTA PARA

INTERIOR - MASMORRA DE CLÁUDIO MANOEL DA COSTA - DIA

178. O Aleijadinho acaba de ser deixado na masmorra onde se encontra preso Cláudio Manoel da Costa.

O que a objetiva irá registrar serão imagens tristes.

O grande poeta, a mais destacada figura social e cultural de Vila Rica, está sentado num banco de madeira, os pés acorrentados, cabisbaixo, profundamente abatido.

Quando avista o Aleijadinho, não esconde a surpresa, a emoção e uma alegria que lhe transfiguram a fisionomia e o fazem levantar-se, exclamando:

CLÁUDIO MANOEL: Mestre Antônio! Como conseguiu chegar até aqui? Está vendo que miséria, meu amigo?

ANTÔNIO FRANCISCO: Mal posso acreditar, o senhor neste lugar! Que desgraça, meu Deus do céu! Que infelicidade!

179. Câmera, "ad libitum", documenta, o mais detalhado e expressivamente possível, o emocionado encontro do Aleijadinho com seu grande amigo e protetor.

A certa altura, sentam-se um diante do outro, e conversam em tom de voz amargurado:

CLÁUDIO MANOEL: Aconteceu, mestre Antônio! Joaquim Silvério foi o traidor. Estamos todos perdidos!

ANTÔNIO FRANCISCO: Não podia ter acontecido

isso, doutor Cláudio. A idéia de vocês era a melhor possível. Fazer a Colônia independente, livrar o povo da opressão.

CLÁUDIO MANOEL: Assim acabam os projetos sonhadores. Joaquim Silvério estava no movimento para se livrar de suas grandes dívidas. Vai tentar agora se salvar pelo outro lado. Precisava ver a brutalidade com que agiram! (Pequena pausa). Preocupa-me a minha mãe.

ANTÔNIO FRANCISCO: Posso imaginar o que está sofrendo dona Teresa.

CLÁUDIO MANOEL: Peço-lhe que vá visitá-la. Diga que esteve comigo, que estou bem.

Neste instante chega à cela o ajudante de ordens que adverte a Antônio Francisco:

TENENTE XAVIER: Mestre Antônio, a visita não pode prolongar mais. O senhor tem que sair.

Antônio Francisco levanta-se com dificuldade. Antes de sair, no entanto, apanha a mão de Cláudio Manoel e, em gesto que o emociona, beija-a, dizendo, comovidamente:

ANTÔNIO FRANCISCO: Adeus, doutor Cláudio. Confie em Deus. Isso tem que ter uma solução.

E sai com os olhos marejados de lágrimas.

FADE-IN - FADE-OUT

SEQÜÊNCIA 34

INTERIOR - CASA DE JOANA LOPES - DIA

180. De volta à modesta residência da parteira Joana Lopes, câmera focaliza a nora do Aleijadinho em P.P., fitando o professor, fora de quadro, e dizendo, com melancolia:

JOANA LOPES: O encontro com o doutor Cláudio deixou meu sogro muito acabrunhado.

181. Deixando Joana Lopes à esquerda do quadro, em 3/4 de perfil, câmera enquadra Bretas de frente, ligeiramente à direita.

Bretas, que a ouve atentamente, comenta com tristeza:

BRETAS: Imagino. Foi um encontro de despedida. A senhora saberia dizer se, mais tarde, ele chegou a comentar sobre outros conjurados?

182. Contra-campo: Bretas, à direita, em 3/4 de perfil, Joana Lopes de frente, à esquerda, respondendo:

JOANA LOPES: Ele achou muito estranho doutor Cláudio ter ficado em Vila Rica, quando os outros foram mandados para o Rio de Janeiro. No dia seguinte, mestre Antônio foi à casa de dona Teresa Alvarenga. Não pôde vê-la. Dona Teresa estava doente, abatidíssima.

183. P.P. do professor Bretas, indagando:

BRETAS: A morte do doutor Cláudio naquela masmorra nunca ficou de fato esclarecida. Ele teria mesmo se enforcado? Essa versão oficial é para ser acreditada?

184. P.P. de Joana Lopes, respondendo:

JOANA LOPES: Ficou tudo muito misterioso, siô Bretas. O povo nunca deixou de dizer que ele não se enforcou. Homem tão religioso, nunca faria isso.

185. Campo: Joana Lopes à esquerda, de frente, com Bretas, em 3/4 de perfil, à direita.

Bretas então indaga:

BRETAS: Foi assassinado, então?

JOANA LOPES: Correu muita notícia. O doutor Cláudio, homem rico, fazia a ligação entre os homens do dinheiro que se achavam envolvidos com a Inconfidência e os poetas, os idealistas. O doutor Cláudio, ao fazer o primeiro depoimento, fraquejou. Deixou mal até seu melhor amigo, Gonzaga. Os endinheirados sabiam que, perguntado pela segunda vez noutro interrogatório, ele poderia revelar coisas que os comprometessem.

186. Contra-campo: Joana, à esquerda, em 3/4 de perfil, com Bretas de frente, à direita.

BRETAS: O que a senhora fala tem muita lógica. A gente sabe que o João Rodrigues de Macedo, contratador de impostos, o homem mais rico da Colônia, era um mistério. Talvez só o doutor Cláudio soubesse que ele participava da conspiração, para deixar de pagar o que devia a Portugal.

187. P.P. de Joana Lopes, acrescentando:

JOANA LOPES: O doutor Cláudio ficou preso na casa do Macedo, que morava no segundo andar. Embaixo funcionava a Casa do Real Contrato, que ele dirigia. Fico imaginando o que pode ter acontecido.

INTERIOR - CASA REAL - NOITE

188. No pátio de entrada da Casa Real do Contrato (atual Casa dos Contos) um vulto, visto de costas, sem identificar-se, aproxima-se de dois guardas, um deles visto anteriormente, fala-lhes em voz baixa e inaudível, passa-lhes um embrulho e depois se afasta.

SOM: Música com acordes dramáticos de suspense.

Os dois guardas se afastam, na direção da masmorra onde está preso Cláudio Manoel da Costa.

189. Diante da masmorra, os dois guardas, um deles trazendo uma corda, ambos enquadrados em P.A., abrem com uma grande chave a porta da cela e entram.

SOM - Rangido forte e dramático da porta.

INTERIOR - MASMORRA DA CASA REAL -NOITE

190. Em "raccord" de movimento, os dois guardas, agora no interior da cela, fecham a porta, que range nos velhos ferrolhos, e se aproximam de Cláudio Manoel, deitado sobre um catre imundo.

O prisioneiro acorda, com o barulho da porta, abre os olhos e, antes que faça alguma coisa, é violentamente agarrado pelos homens que, rapidamente, colocam-lhe a corda no pescoço e a apertam com força.

SOM - Gemidos e sons guturais de alguém sendo enforcado.

A cena brutal e dramática, captada pela câmera em planos de documentação, provoca no infeliz convulsões e esforços desesperados para livrar-se do estrangulamento selvagem.

Inutilmente, no entanto, pois os dois homens, muito fortes, apertam-lhe cada vez com mais força a corda no pescoço.

O rosto de Cláudio Manoel cobre-se de vermelhidão e suas forças se exaurem no enforcamento brutal. Solta um último gemido e depois morre.

Os dois guardas, em seguida, erguem o corpo do chão e amarram a corda numa viga de madeira no alto da cela, com todos os cuidados para que pareça suicídio.

Em seguida, antes de se retirarem, derrubam uma banquetta no chão, debaixo dos pés de Cláudio Manoel, cujo cadáver balança sinistramente, até ficar imóvel.

Depois os assassinos se afastam, abrem a porta, saem e, novamente, a fecham.

SOM - Ruídos da porta rangendo.

FADE-IN - FADE-OUT

SEQÜÊNCIA 35

INTERIOR - IGREJA DE SÃO FRANCISCO DE ASSIS - DIA

191. Nova série de planos de cobertura, mostrando o Aleijadinho, agora bastante envelhecido e deformado pela moléstia, trabalhando com grande afínco no interior da igreja de São Francisco de Assis.

SOM - Música sacra (Lobo de Mesquita).

Uma dessas "tomadas" (P.M. em "contre-plongée"), mostra o artista atingindo o alto de um andaime. Antes de ajeitar o toldo para evitar visitas importunas, como faz comumente, avista um grupo de pessoas que chegam à igreja para apreciar o trabalho que executa.

192. Instalada no alto, em posição de "plongée", câmera coloca o Aleijadinho à esquerda do quatro e, ao centro e à direita, embaixo, o grupo de importunos que o fitam.

Imediatamente, com indisfarçável irritação, puxa o toldo, escondendo-se dos olhos indiscretos.

193. Em novo enquadramento, agora em nível normal, câmera focaliza o grupo em P.M., afastando-se do local.

F U S Ã O

INTERIOR - SACRISTIA DA IGREJA DE SÃO FRANCISCO DE ASSIS - DIA

194. Estamos agora na sacristia, totalmente acabada, do templo dedicado ao santo "povarello", fixada em P.G.

Vêm-se o Aleijadinho e Maurício na companhia de dois padres integrantes da ordem religiosa do Santuário de Nossa Senhora do Bom Jesus de Matosinhos, de Congonhas do Campo, além do administrador daquela igreja.

O grupo está distribuído pelas diversas cadeiras de espaldar alto, bem lavradas, em torno de uma ampla mesa de jacarandá.

Vêm-se o Aleijadinho e Maurício na companhia de dois padres integrantes da ordem religiosa do Santuário de Nossa Senhora do Bom Jesus de Matosinhos, de Congonhas do Campo, além do administrador daquela igreja.

O grupo está distribuído pelas diversas cadeiras de espaldar alto, bem lavradas, em torno de uma ampla mesa de jacarandá.

O Aleijadinho está lendo um contrato para a realização de serviços no referido santuário. Segura o papel com os dois dedos sadios da mão direita, com os demais dedos bastante atrofiados.

Na trilha sonora, sobrepondo-se a essas imagens, ouve-se a voz off do historiador Rodrigo Bretas, seguida da parteira Joana Lopes:

BRETAS (voz off): A senhora se lembra, dona Joana, quando exatamente Antônio Francisco viajou para Congonhas do Campo, contratado por Vicente Freire de Andrade, para esculpir os doze profetas e as sessenta e seis figuras dos Passos da Paixão?

JOANA LOPES: Vamos ver... Acho que foi quando ele já contava para mais de sessenta anos... Foi sim, agora me recordo, por volta de 1796.

195. Com imagens ainda captadas na sacristia da igreja de São Francisco de Assis, câmera enquadra o Aleijadinho e o administrador Vicente Freire de Andrade em P.A., no instante em que este lhe fala:

VICENTE FREIRE DE ANDRADE: Confere aí no contrato se está certo o que combinamos. Já recebeu tanto por um serviço?

ANTÔNIO FRANCISCO: Estou lendo. 395 oitavas, três quartos e quatro vinténs de ouro pelas 66 imagens dos Passos e 221 oitavas e vinte e dois vinténs de ouro pelos doze profetas. Os oficiais que comigo vão trabalhar ficam por minha conta.

Volta-se para o contratante, Vicente Freire de Andrade e completa, peremptório:

ANTÔNIO FRANCISCO: Terá que ser incluído no contrato, também, o nome de Manoel da Costa Ataíde. Para

encarnar as imagens dos Passos. O senhor deve conhecer bem o Ataíde.

VICENTE FREIRE DE ANDRADE: Perfeitamente, mestre Antônio Francisco, sem dúvida. Vamos incluir o seu nome. Vou precisar, naturalmente, que apresente orçamento da parte dele.

JOANA LOPES (voz off): Meu sogro, já muito prejudicado pela doença, trabalhou em Congonhas de 1795 a 1805. Quando deixou Vila Rica, andava triste, sofrendo muito. Castigado pela doença, sem ter jamais se esquecido da fuga de Helena, encontrou sua antiga cidade muito mudada, depois do violento castigo contra os conspiradores.

EXTERIOR - CASA DE ANTÔNIO FRANCISCO EM VILA RICA - DIA

196. Uma pequena multidão se aglomera diante da casa do Aleijadinho, em Vila Rica.

E o grande artista, chegando do interior de sua casa, aparece, carregado por Agostinho e Januário, com Maurício ao lado (P.M. dos quatro e dos curiosos).

Antônio Francisco veste o velho casacão escuro e tem um chapelão tombado sobre a cabeça, o que não impede os curiosos de verem o rosto muito inchado do artista, os olhos quase encobertos pelas grossas pálpebras.

Suas mãos estão com os dedos muito tortos e inutilizados, escondidos nos largos bolsos do casacão.

SOM - Música triste e murmúrios.

AF é colocado no interior da carruagem, pertencente à Congregação do Santuário de Congonhas. Maurício e Januário vão se colocar ao lado do cocheiro, enquanto Agostinho vai sentar-se ao lado do velho mestre.

SOM - Música desaparece, substituída por vozes off de despedida:
"Boa viagem, mestre Antônio Francisco!" - "Boa viagem. Vai com Deus, Aleijadinho!"

197. Em novo enquadramento, câmera focaliza a caleche, seguida em Pan, se afastando na rua calçada de pedras irregulares.

SOM - Ruído do veículo rodando no calçamento de pedra.

F U S Ã O

SEQÜÊNCIA 36

EXTERIOR - PRACINHA PRÓXIMA DO SANTUÁRIO - CONGONHAS - DIA

198. P.G. de uma pequena multidão de habitantes de Congonha de Campos, reunidos diante da casa ocupada pelo Aleijadinho e seus ajudantes.

Um dos curiosos grita o nome do artista, desejando vê-lo à janela:

POPULAR : "Aleijadinho!" Mestre Aleijadinho!"

199. Câmera, na grua, enquadra do alto, em P.G., o Aleijadinho que, a contragosto, surge na janela da pousada, com toda sua horrível figura.

SOM - Ouve-se, off, um murmúrio mais de susto que de admiração.

200. P.G. (ponto de vista do Aleijadinho) do ajuntamento de curiosos diante da casa onde o grande artista se hospeda. Ainda se ouve murmúrio de espanto, substituído depois por um silêncio compungido.

201. P.G. de parte da multidão e, ao fundo, ainda na janela, o Aleijadinho, que encara tristemente os curiosos e, logo em seguida, fecha a janela e desaparece.

A multidão, silenciosamente, vai se afastando da pracinha.

F U S Ã O

SEQÜÊNCIA 37

INTERIOR - ESTÚDIO EM CONGONHAS - DIA

202. Nova série de planos documenta Antônio Francisco trabalhando num estúdio improvisado (a ser construído em Ouro Preto), instalado numa espécie de telheiro (alpendre com cobertura de telha-vã), auxiliado por seus três artífices, além de outros ajudantes recrutados na cidade.

Uma réplica de um dos profetas pode ser vista, enquanto o escultor trabalha na cabeça de outro profeta em pedra-sabão (atenção cenografia: preparar réplicas).

SOM - Música religiosa.

EXTERIOR - PRAÇA DEFRENTE DO SANTUÁRIO - DIA

203. *Séries de flashes da esplanada do Santuário de Nossa Senhora do Bom Jesus do Matosinhos, registrados através de sucessivas FUSÕES, para documentar, graças a trucagens, a feitura dos doze profetas em seus pedestais.*

As grandes imagens em pedra-sabão deverão surgir uma a uma, diante do adro monumental do templo.

SOM - Música expressiva.

EXTERIOR E INTERIOR - CAPELINHA COM AS IMAGENS DA SANTA CEIA - DIA

204. P. G. da capelinha onde está exposto o Grande Passo da Santa Ceia, uma das maiores obras do Aleijadinho no terreno da escultura.

Vêm-se Agostinho e Maurício, o primeiro ajudando a levar para o interior da construção a imagem, em tamanho natural, de um dos apóstolos, esculpido na oficina de Antônio Francisco, em Congonhas do Campo.

SOM - Música sugestiva, a princípio, e depois dramática.

De repente, Agostinho, o mais velho dos auxiliares, cambaleia e solta um fundo gemido, apertando o peito com as mãos (P.P.).

Maurício apanha a pesada imagem em madeira e a coloca no interior da capelinha. E volta depressa ao exterior, avistando o Aleijadinho que ampara nos braços o velho amigo e auxiliar.

Pressentindo que Agostinho está morrendo, Antônio Francisco lhe faz o sinal da cruz na fronte e, em silêncio, seguido por Maurício e Januário, reza uma prece.

Agostinho fita Antônio Francisco, Januário e Maurício, como a despedir-se. Depois tomba a cabeça nos braços do Aleijadinho, morrendo.

No enquadramento inclui-se, ao fundo, e à direita, a imagem do Cristo com a coroa de espinhos na cabeça, uma das mais belas obras do Aleijadinho, para a qual a câmera avança, lentamente, em "travelling".

SOM - Bater triste de sino.

F A D E L E N T O

SEQÜÊNCIA 3ª

INTERIOR - SÍTIO DE JOANA LOPES - DIA

205. De volta à sala da casa da parteira Joana Lopes, câmera detalha a mão direita do historiador Rodrigo Bretas depositando o caderno de anotações sobre a mesinha ao lado, dizendo, a princípio em voz off:

BRETAS (voz off): Creio que os últimos trabalhos do Aleijadinho foram esses de Congonhas. A senhora confirma essa informação?

206. Câmera recua, em Trav., abre o quadro e enquadra Bretas em 3/4 de perfil, com Joana Lopes de frente, respondendo:

JOANA LOPES: Ando esquecida, mas acho que o senhor está certo. Meu sogro andava pelos setenta e muitos quando retornou de Congonhas. Muito enfraquecido, não podia dar conta de mais nada.

BRETAS: E seu marido, dona Joana, por onde andava?

JOANA LOPES: Aprendeu o ofício de carpinteiro e passou a morar numa casinha perto da igreja, em Antônio Dias.

207. P.M. da sala, no instante em que Joana Lopes se levanta e vai à cozinha, enquanto o professor aproveita para fazer anotações no caderninho.

Pouco depois a parteira retorna com uma cafeteira e uma cesta com pãezinhos de queijo. Aproxima-se do visitante e lhe diz, enquanto enche de café as duas canecas de latão:

JOANA LOPES: Sirva-se, siô Bretas. Tá tudoquentinho, acabado de ser feito.

Caminha de volta ao lugar onde se encontrava, bebe um gole de café e depois continua:

JOANA LOPES: Meu sogro andava muito ranzinza, reclamando de tudo. Me alembro dele dizer, muito brabo, que tinha recebido paga em ouro falso. Ficou muito zangado também com Januário, que foi passar o Natal no Alto da Cruz e não deu os remédios que ele devia de tomar.

208. P.P. de Joana Lopes, prosseguindo:

JOANA LOPES: A falta dos remédios levou meu sogro perder quase toda a visão. Foi aí que meu marido e eu trouxemos para morar com a gente.

INTERIOR - QUARTO DA CASA DE JOANA LOPES - NOITE

209. Enquadra-se agora o Aleijadinho estendido nas tábuas de um catre humilde, coberto apenas por uma colcha sertaneja.

Ao lado uma mesinha com uma vela acesa, a imagem de Nossa Senhora da Coinceição e uma Bíblia.

Joana, no flashback, é agora uma mulher forte, de seus quarenta anos, sentada na beirada da cama estreita, servindo uma colher de sopa ao Aleijadinho, que engole com dificuldade o alimento.

SOM - Música dramática.

Sobre essas imagens volta a ouvir-se a voz off da parteira:

JOANA LOPES (voz off): Ele piorava dia a dia. Não

enxergava já quase nada. Não queria colchão sobre a tábua.

210. Em novo enquadramento, câmara, colocada atrás do catre, em baixa posição, focaliza o Aleijadinho à direita, de perfil. Ao fundo, mais para a esquerda, fixado na parede de taipa, um velho crucifixo de madeira, defronte da cama estreita.

Ao lado da cama, numa mesinha rústica, a belíssima imagem do Cristo Flagelado, que Lúcio Costa afirma que o Aleijadinho conservou consigo até morrer (obra no Museu da Inconfidência).

Antônio Francisco tem os olhos empapuçados fixados no crucifixo. De repente, sentindo uma forte dor, começa a gemer, angustiado.

SOM - Gemidos de dor e revolta.

É quando, dilacerado pela dor que o aflige, Antônio Francisco suplica, quase gritando, olhando na direção do crucifixo (ou do Cristo Flagelado):

ANTÔNIO FRANCISCO: Jesus, Jesus, tende piedade de mim! Tende compaixão! Levai-me daqui, pelo amor de Deus!

211. P.P. do Aleijadinho, no mais atroz desespero, gritando mais alto:

ANTÔNIO FRANCISCO: Levai-me, Jesus, tende piedade de mim!

Pouco a pouco, no entanto, seus olhos coléricos, molhados de lágrimas, vão adquirindo uma doçura inesperada, como se o remorso os enternecesse.

Diz, então, como numa prece dolorosa:

ANTÔNIO FRANCISCO: Jesus, Senhor Jesus, colocai vossos divinos pés sobre mim!...

E fecha os olhos, enquanto as lágrimas lhe descem pelo rosto deformado.

INTERIOR - LOCAIS DIVERSOS COM OBRAS DO ALEIJADINHO - DIA

212. Uma nova série de planos, sucedendo imediatamente ao primeiro-plano do rosto do Aleijadinho banhado em lágrimas, será registrada em diferentes locais onde estão expostas algumas das imagens mais belas de Antônio Francisco Lisboa, com prioridade para esculturas expostas no Museu da Inconfidência, Museu Arquidiocesano de Mariana e em algumas das igrejas onde trabalhou.

SOM - Música triste, talvez de órgão.

FADE-IN - FADE OUT

SEQÜÊNCIA 39

EXTERIOR - CASA DE ANTÔNIO FRANCISCO - DIA

213. Perto da porta de entrada da modesta casa do Aleijadinho, câmera focaliza uma pequena multidão de amigos e admiradores do grande artista, que vive seus últimos momentos.

Conversam em voz baixa e, vendo chegar do interior, um padre paramentado que lhe deu a Extrema Unção, acompanhado pelo filho de Antônio Francisco, afastam-se, dando passagem.

Um dos moradores pergunta, respeitosamente, ao sacerdote:

MORADOR: Morreu, padre Arnaldo?

PADRE ARNALDO: Ainda não. Reze por ele, filho.

O padre despede-se de Manoel Francisco, que lhe beija a mão, e se afasta.

SOM - Sino de igreja, distante.

Antes de retornar ao interior da casa, o filho de AF tem a atenção fixada em uma mulher que se aproxima da casa.

214. Mudando a angulação, câmera focaliza em P.M. os populares e, aproximando-se vagarosamente, Helena, a antiga mulher do Aleijadinho.

Ela também avista o filho, Manoel Francisco e tem um movimento de hesitação que a faz parar.

215. P.P. de Manoel Francisco, surpreendido com a aparição da mãe, que ele fita com olhar austero e melancólico.

216. Câmera inicialmente focaliza Helena em P.A.L., ainda parada no meio da pequena aglomeração de populares

Depois, através de lento Trav-Avante, vai fixá-la em P.P.P., mostrando o rosto bastante envelhecido, cortado por rugas, os cabelos inteiramente brancos, o olhar que revela uma mulher triste e sofrida.

Helena, finalmente, se decide e caminha na direção de Manoel Francisco.

216. Em nova angulação, enquadra-se agora Helena que se aproxima vagarosamente do filho, que a espera, parado diante da porta de entrada da casa onde o Aleijadinho está morrendo.

Câmera inicia novo "travelling" até enquadrar filho e mãe em P.P.

Constrangida, como se a vergonha e o remorso a inibissem, Helena só consegue dizer:

HELENA: E o Antônio?...

MANOEL FRANCISCO: Está morrendo.

Manoel nada mais diz. Dá meia-volta e retorna ao interior da casa.

Helena fica parada por mais alguns instantes. Depois, por sua vez, também dá meia-volta, passa entre os populares e se afasta da casa.

INTERIOR - QUARTO DE ANTÔNIO FRANCISCO - DIA

217. Com o quarto iluminado apenas por uma lamparina, câmera focaliza Antônio Francisco Lisboa em seus últimos instantes de vida.

Está só e jaz sobre o catre de tábuas, vestido pobremente.

Ainda tem os olhos ligeiramente abertos e fita o crucifixo de madeira e, logo a seguir, a maravilhosa imagem do Cristo Flagelado, que esculpiu anos atrás.

Sobre esta pequena escultura, Antônio Francisco demora mais o olhar.

218. Mudando a angulação, câmera focaliza o Aleijadinho em P.A., estendido no catre humilde.

Em seguida, lentamente, aproxima-se dele em "travelling", até o primeiro-plano de seu rosto.

De sua boca entreaberta, escuta-se apenas um murmúrio:

ANTÔNIO FRANCISCO: Jesus...

Depois fecha os olhos e morre.

SOM: Bater distante de sinos.

FADE-IN - FADE-OUT

SEQÜÊNCIA 40

INTERIOR - SALA DA CASA DE JOANA LOPES - TARDE

219. Voltando à sala da casa de Joana Lopes, câmara focaliza ela e o professor Bretas em P.A., calados, recordando, comovidos, a morte do Aleijadinho.

Um velho relógio de parede, fixado em uma das paredes da sala, bate as seis horas da tarde.

SOM - Relógio batendo seis horas.

A sala está meio escurecida, o que leva Joana Lopes a acender o pavio de uma velha lamparina.

O professor guarda o caderno de anotações no bolso largo do casacão, e pergunta:

BRETAS: A senhora guardou a data do falecimento, dona Joana?

Joana Lopes deposita a lamparina sobre uma mesinha, perto da porta, e responde:

JOANA LOPES: Meu sogro expirou na santa paz do Senhor, no dia 18 de novembro de 1814.

BRETAS: E ainda existe a casa onde ele morreu? Gostaria muito de conhecê-la, principalmente o quarto onde viveu seus últimos instantes.

Joana Lopes então se levanta, apanha a lamparina e, voltando-se para o professor, lhe fala:

JOANA LOPES: Venha comigo, siô Bretas.

E o leva para o interior da casa.

INTERIOR - CORREDOR DA CASA DE JOANA LOPES - TARDE

220. Instalada no final do corredor da casa de Joana Lopes, câmara focaliza, em P.M., a parteira e Bretas que, vindos da sala, alcançam um corredor que conduz a três modestos quartos de dormir, iluminado pela luz da lamparina que vai lançando sombras nas paredes e no chão.

Joana Lopes caminha à frente, seguida pelo professor, meio intrigado.

Passam diante do primeiro quarto, depois do segundo e, finalmente, alcançam o terceiro, cuja porta está fechada.

Joana Lopes retira do bolso do casaco uma grande e velha chave que enfia na fechadura e abre a porta, que range no ferrolho ao ser empurrada

SOM - Ruído da porta se abrindo.

221. Do interior do quarto, câmara focaliza Joana e Bretas que entram, fixados em P.M.

Dona Joana, sempre trazendo a lamparina, penetra no cômodo, enquanto o professor, parado à porta, olha com surpresa e com indisfarçável emoção, o quarto que, de repente, parece reconhecer.

Depois caminha alguns metros e, com os olhos, percorre o cômodo onde, exatamente, anos atrás, morou e morreu o grande artista que ele venera.

Câmera desvenda, em planos de documentação, os velhos móveis, vistos anteriormente: o catre, no mesmo lugar, com as tábuas envelhecidas, o crucifixo pregado na parede, a pequena estátua do Cristo Flagelado e, mais ao fundo, diante de uma janela fechada, uma pequena mesa de trabalho.

Joana então explica, igualmente emocionada:

JOANA LOPES: Este é o quarto, e, aquele, o catre.

Rodrigo Bretas avança alguns metros, afaga a madeira velha do catre, em compungido silêncio.

Olha, em seguida, demoradamente, como se fizesse uma prece, o velho crucifixo e o Cristo Flagelado.

Depois circula a vista pelo cômodo humilde, e comenta, comovido, como para si mesmo:

BRETAS: Meu Deus! "Tanta miséria aliada a tanta beleza e poesia!"

Depois se volta para dona Joana, que o chama:

JOANA LOPES: Venha ver isto aqui, siô Bretas.

Segue Joana Lopes até a pequena e rústica mesa, ao lado da janela. Joana abre a gaveta do móvel e explica:

JOANA LOPES: Quando ele morreu, esses papéis ficaram na gaveta.

Bretas apanha um maço de velhos e amarelados papéis do Aleijadinho. São recibos, desenhos, riscos, projetos de próprio punho, documentos que o deslumbram, levando-o a dizer, entusiasmado:

BRETAS: Dona Joana! São documentos preciosos!

E continua a examiná-los, prosseguindo, euforicamente:

BRETAS: A senhora conservou tudo isso, graças a Deus! São papéis de extraordinária importância!

Dona Joana, com toda sua humildade, aproxima-se do professor e lhe diz:

JOANA LOPES: Pode levar tudo, se quiser.
Ninguém vai cuidar melhor desses papeis que o siô!

Antes de sair, Bretas ainda contempla, comovido, o cômodo humilde, como para guardá-lo na memória. Depois, seguindo dona Joana com a lamparina, enrola os documentos e deixa o quarto.

222. P.G. da parte externa da casa no instante em que saem Bretas e Joana Lopes.

Começa a anoitecer em Ouro Preto, com o sol quase desaparecendo por trás das altas montanhas.

Antes que ele parta, Joana Lopes ainda diz:

JOANA LOPES: O que sempre penso, siô Bretas, valeu a pena Antônio Francisco sofrer tanto? Trabalhou tanto, fez tanta coisa bonita. Tudo vai acabar se estragando. Daqui a pouco ninguém vai mais se lembrar dele.

Bretas aproxima-se da parteira e contesta, carinhosamente:

BRETAS: Engano seu, dona Joana. De Antônio Francisco ninguém se esquecerá. Ele é o símbolo de nosso povo, que sofre tanto, como ele sofreu, mas constrói uma nação grande e bela, como a obra que ele deixou. O mundo inteiro virá aqui para conhecê-la.

Aproxima-se mais da parteira e completa:

BRETAS: Vou escrever sobre ele, mas isso será só o começo. Muitos haverão de escrever sobre ele. Cada vez mais. Do Brasil e do estrangeiro.

Comovido, Bretas aperta a mão de Joana e, num gesto inesperado que a deixa confusa, beija-lhe respeitosamente o rosto, dizendo:

BRETAS: Que Deus a abençoe e proteja, dona Joana. Obrigado por tudo. Adeus.

E se afasta na rua que, mais adiante, em declive, leva ao centro da cidade.

EXTERIOR - ALTA DA CRUZ - OURO PRETO - ANOITECER

223. O último plano do filme mostra, em G.P.G., do Alto da Cruz e, ao longe, o casario de Ouro Preto como existia no ano de 1858.

Rodrigo Bretas entra no quadro, pela esquerda, e começa a descer a rua de paralelepípedos, distanciando-se, pouco a pouco, da objetiva.

Câmera sobe, em grua, e revela o anoitecer na impressionante paisagem da antiga Vila Rica, emoldurada pelas montanhas e pelo Pico do Itacolomi.

SOM - Bater distante de sinos de igrejas.

Sobre esta imagem derradeira do filme surge e começa a subir, lentamente, a belíssima frase de Germain Bazin, ex-Conservador do Museu do Louvre e autor de um livro definitivo sobre o Aleijadinho:

"Nos últimos anos do século "galante", no momento em que a Revolução Francesa toma a Europa de assalto, num país perdido, do outro lado do Atlântico, um mestiço, parálítico das mãos ainda por cima, produz esta obra sublime, a última aparição de Deus, evocada pela mão do homem".

Germain Bazin

SOM - O bater distante dos sinos vai para bg, subindo música expressiva para final.

Surge na tela, abrindo os créditos finais, o texto seguinte:

ESTE FILME É DEDICADO A RENATO SANTOS PEREIRA

Depois, lentamente, sobem os créditos finais do filme.

Belo Horizonte, 15 de junho de 1999.

Geraldo Santos Pereira

G. Minas Produções Audiovisuais Ltda.

Rua Pompéia, 39, sala 01 - Prado
CEP 30410-130 - Telefax (031)371-4604
Belo Horizonte, Minas Gerais.